

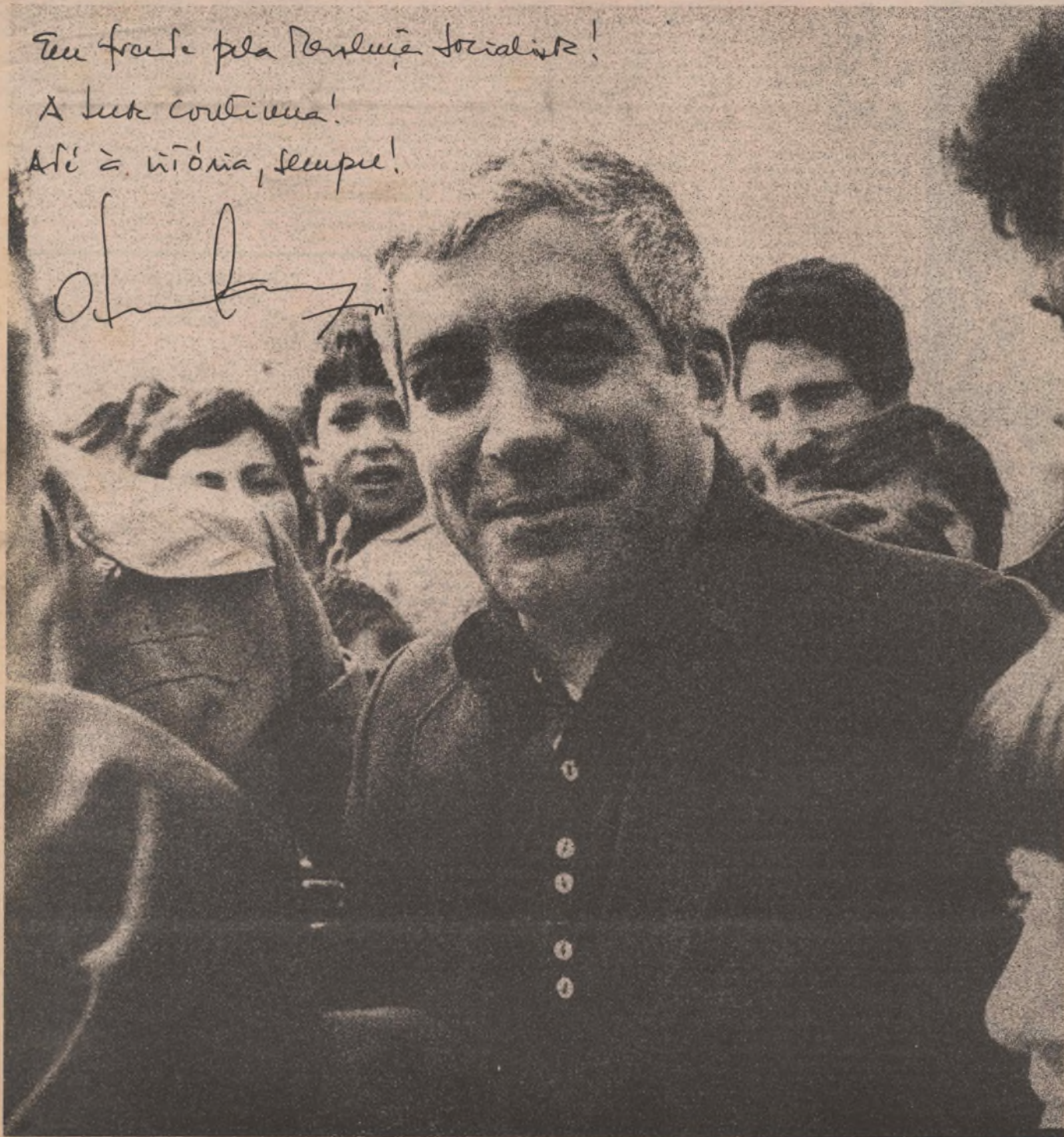
# Revolução

Em frente pela Revolução socialista!

A luta continua!

Até à vitória, sempre!

*Antonio*



**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**

dos leitores

Porte-Voz do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## OTELO: a alternativa revolucionária para as eleições presidenciais

Camaradas: Neste momento que é de grande luta para os explorados deste país, é de punho fortemente cerrado e levantado bem alto que saúdo a todos vós, militantes do PRP e elaboradores do «Revolução».

E é também neste momento que vos apresento o meu ponto de vista crítico.

Até há pouco tempo adepto da UDP, dou neste momento o meu apoio ao PRP que, penso, segue uma linha justa, fria e revolucionária. No entanto, e porque luto contra o dogmatismo, não vejo no PRP o partido que, com uma vara mágica, resolve todos os problemas, mas sim uma organização que luta pela revolução socialista, portanto aliada de todos os explorados e oprimidos.

Nas últimas eleições, votei na UDP, embora não me agrade a sua veia estalinista. É que o partido que considero mais correcto o PRP, não concorreu. E é por isso, camaradas, que hoje me dirijo a vós.

É um facto que as massas trabalhadoras deste país ainda marcham a reboque de muitas ilusões falsas. Negá-lo seria um grave erro de interpretação. Sem dúvida, dessas ilusões, a mais grave é acreditar na via eleitoral.

Portanto, sabia-se já que as votações iam ser em massa. As absenções foram poucas e os votos nulos também sendo, muitos destes últimos, por descuido no preenchimento do papel.

O PRP apelou para a abstenção ou para o voto nulo. Mas, camaradas, o

que aconteceria se essa palavra de ordem se tivesse cumprido? O fascismo ganharia completamente porque a burguesia, sim, essa nunca deixa de votar. E pronto, aí estariam eles histéricos a dizer que o povo votou contra o comunismo!

Camaradas, vocês sabem e já o têm dito, que a luta revolucionária compõe-se de uma legal e outra clandestina, pelo menos em democracia burguesa, como temos em Portugal.

Já sabemos que, legalmente (no sentido burguês), nunca atingiremos a sociedade socialista. No entanto, deve-se fazer o máximo nesse campo. Ora não interessa combater a burguesia na rectaguarda, e deixá-la avançar na frente. O que interessa é barrar-lhe o caminho em ambos os lados.

O balanço das eleições é este: a direita não ganhou nem perdeu. Isto, no seu próprio campo, é mau, é sinal de que se encontra realmente sem recursos legalistas; portanto, para ela, a alternativa é o golpe, é o tirar da máscara por detrás da qual se tem tentado esconder. E, aí, é necessário que as massas estejam mobilizadas para darem a sua resposta.

Na minha opinião, o PRP podia ter feito outra coisa. Concorreria às eleições e desistiria no último dia, em vésperas das eleições. Esse processo seria muito útil em matéria de propaganda e agitação, e constituiria um verdadeiro balde de água fria para a direita.

Mas, entretanto, novas eleições se preparam, as da presidência da Re-

pública. Então, surge o PRP a falar da candidatura de Oteló. Pessoalmente, dou todo o meu apoio a Oteló, mas penso que existe uma certa incoerência no PRP pois, de facto, Oteló tem poucas probabilidades de ganhar, assim como a esquerda revolucionária tinha nas últimas eleições.

Então, como é que a posição do PRP é diferente? Eu sei que as eleições são diferentes, mas penso que a esquerda deve sempre aparecer nelas. De facto, sou pela candidatura de Oteló. E penso que ele terá uma base de apoio bastante grande, pois embora as cúpulas dos partidos burgueses apoiem o Ramalho Eanes, é possível que largos sectores das bases escapem ao controle e acabem por apoiar a candidatura de Oteló.

Quanto ao resto, não há dúvida nenhuma de que o Oteló constitui a alternativa revolucionária, um homem em que se pode confiar e a quem muito devemos já. Para mim, é um dos camaradas mais queridos de quantos existem em Portugal.

Segundo as suas próprias palavras, ele candidatar-se-á se houver movimentação popular nesse sentido.

Camaradas, acho que está na altura de organizar uma ampla manifestação popular de apoio a Oteló Saraiva de Carvalho. Isso representaria a mobilização das massas e um sinal da sua determinação. Seria óptimo uma manifestação da esquerda revolucionária, sem insígnias partidárias, apenas com ban-

deiras vermelhas e fotografias de Oteló.

Além disso, uma coisa me alegra: ao menos, neste momento, a esquerda parece mais unida que a direita, que apresenta vários candidatos, embora Eanes seja o chefe de fila. Era bom que toda a esquerda (à esquerda do PC) apresentasse um candidato único: OTELO!

Camaradas, deixo-vos essas ideias.

E, além disso, gostaria de saber quais são as vossas opiniões sobre tudo quanto disse atrás. De qualquer modo, tentem transmittir-me a vossa opinião, pois tenho o máximo interesse em conhecê-la.

E, por agora, é tudo. Um abraço para todos vós, camaradas e amigos.

V O

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670  
DELEGAÇÃO DO NORTE  
Rua Álvares Cabral, 110. PORTO

#### LIVRARIAS REVOLUÇÃO

##### CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 às 24 horas.

##### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

#### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315799/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102. 24230

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374  
Telefone: 931925

BARCELOS — Av. da Liberdade

#### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33

COVILHÃ — Rua Visconde da Corticada, n.º 80 — Tel. 25542

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, n.º 85

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10

ARGEA — Tel. 92169

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142  
Telefone: 24149

#### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

SACAVEM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n.º 15 — Algas de Cima Tel. 2100337

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade 1 Tel. 2474142

CACÉM — Rua de Paço de Arces, Lote 16

#### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Rua Jorge de Sousa (Colégio Frei Agostinho da Cruz)

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267 / 2763357 / 2763122

BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A

LAVRADIO — Rua dr. José Carcalo Lobo, n.º 12

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

#### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

#### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 35 - Tel. 24 107

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39-1.º Tel. 63043

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

ESTOMBAR — R. D. Pedro Galvão, 5

#### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 77017

### Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

Semestral — 90\$00  Anual — 180\$00  PAGAMENTO

Estrangeiro  
Semestral 300\$00  Anual 600\$00  Em cheque   
Em vale

# A TÁCTICA DO PC

O anúncio da candidatura de Octávio Pato à Presidência da República é apenas mais uma manobra com a qual a direcção do PCP pretende segurar os militantes de base que, em número crescente, tem vindo a apoiar o candidato do Poder Popular: Otelô Saraiva de Carvalho.

Ao propor Octávio Pato — n.º 2 e chefe da ala mais direita — não é, seguramente, a vitória nas eleições que a direcção do PCP pretende: trata-se de, tão somente, em nome da «disciplina e unidade interna», tentar evitar a dispersão do eleitorado do PC.

Esta atitude, vinda como vem de um partido eleitoralista (que acredita construir o socialismo através de «maiorias de esquerda» saídas das eleições burguesas), além de ser uma traição aos princípios comunistas e revolucionários em que muitos militantes do PC acreditam, traz «água no bico».

Com efeito, a estratégia do PC não se coaduna com a oposição ao futuro Presidente da República.

Quer isto dizer que, sabendo ser impossível eleger Octávio Pato (é mesmo provável que este nem se apresente nas urnas), a direcção do PCP continua a jogar nas hipóteses de Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo e, em último caso, o próprio Ramalho Eanes.

Sobre Costa Gomes, é absolutamente certo que o PC ainda não desistiu da sua candidatura: disso são reflexos as «inconfidências» de certos responsáveis daquele partido...

Quando a Eanes, não nos esqueçamos que o último editorial do «Avante» afirmava tratar-se de «um homem que pode vir a ser eleito como Presidente da República». Assim se explica que o PC não tenha hostilizado o actual chefe do Estado-Maior do Exército.

Da complexa rede de contactos que a direcção do PCP tem estabelecido com os presidenciais da burguesia (Eanes, Pinheiro de Azevedo, Costa Gomes), uma certeza ressalta: a direcção do PC não apoia a candidatura revolucionária de Otelô.

Não é esta, no entanto, a decisão de muitos militantes deste partido.

## COMEÇAM AS CALÚNIAS

Prova clara da dificuldade em que se encontram os burocratas do PC devido à candidatura de Otelô são as calúnias e o histerismo do comunicado emitido no passado dia 15 pela Comissão Distrital de Évora do PCP.

Sob o título «Alerta Povo de Évora», este comunicado está ejado de calúnias sobre o PRP, de ilusões reformistas sobre a eficácia da «maioria de esquerda» sendo, acto contínuo, um apelo para que os trabalhadores não apoiem Otelô.

Assim, afirma-se que a intenção do PRP nas últimas eleições, era «levar a esquerda a abster-se para que a direita ganhasse». Este ataque ao PRP, feito a propósito da recolha de assinaturas para a campanha de Otelô (é curioso que só o PRP seja atacado), não é inédito: hoje é o PCP, ontem era o PCP (R). Nem sequer o argumento varia: para uns queríamos que «a direita ganhasse as eleições»; para outros «prestámos um bom serviço à reacção nacional e internacional»...

## QUEM ESTÁ DESORIENTADO?

Sobre a candidatura revolucionária de Otelô, afirmam estes reformistas que «as forças reaccionárias (...) recorreram aos seus marionetes grupelhos esquerdistas» para «dividir e desorientar as forças de esquerda e mesmo as Forças Armadas».

Não temos dúvidas que quem se encontra desorientada é a direcção do PC, que não consegue controlar milhares e milhares de explorados

que, tendo dado o seu voto nas legislativas ao PC, apoiam o candidato do Poder Popular.

E quanto às divisões da esquerda, o que pretende a «candidatura» desaperada de Octávio Pato?

Mas o comunicado, que reconhece haver grande apreensão no apoio a tal candidatura acrescenta:

O nosso povo atribui grandes culpas a Otelô Saraiva de Carvalho pela

## Octávio Pato — candidato da divisão

Em face da candidatura de Eanes, símbolo da direita, existe uma outra candidatura que é a da esquerda — a de Otelô Saraiva de Carvalho. Logo que começou a ser anunciado, já antes das eleições legislativas, começou a levantar um movimento de adesão, que se anuncia como um grande movimento de massas, semelhante ao do que foi a candidatura de Delgado em 1958.

E muitos militantes do PC começaram a aderir e a assinar listas de candidaturas. visionava-se um grande movimento de unidade que arastaria os trabalhadores para o lado da revolução.

Exactamente o que o PC não gosta...

Por isso começou a correr, das conversações com o PS, para o gabinete de Eanes, passando pelo de Costa Gomes. A correr à procura dum candidato. Dum candidato que fosse o anti-Otelô.

Mas o PS «traiu», ou seja não traiu coisa nenhuma porque os seus dirigentes tinham jurado a pés juntos, e pôr todas as formas, que não fariam alianças com o PC. Por isso, o candidato comum-PC-PS não foi possível. O PS apoiou Eanes. Mesmo assim, o PC fez «diligências» junto de Eanes, para que este desse garantias para o futuro. Mas, Eanes prefere mesmo não ter o PC à ilharga e deu-lhes sopa. Por fim, o CDS antecipou-se, apoiou Eanes, excluindo assim o apoio do PC (aliás esse apoio do CDS indignou os dirigentes do PC, exactamente por isso).

Ficou, portanto, ao PC, a hipótese de apresentar um candidato seu. E surge Pato. Surge Pato a dar Conferências de Imprensa com uma pequena claude de funcionários do seu partido batendo palmas no Hotel vitória. Que triste é a história do oportunismo!

Mas, estranhamente, personalidades por demais conhecidas como pertencentes ao PC, continuam a apoiar Costa Gomes, subscrevendo listas. Ou seja — a manobra continua. Uns desistiram a favor dos outros, conforme puderem e der jeito. E, os trabalhadores, são apenas o relvado deste jogo.

Mas a verdadeira guerra do PC

falta de apoio ao general Vasco Gonçalves, assim como ao V Governo, à falta de medidas para evitar a destruição de dezenas de centros de trabalho do PCP e de organizações de outros partidos progressistas.

Atribuí-lhe grandes culpas da guinada à direita que, a partir de certa altura, se começou a dar.

Ninguém nega as hesitações e contradições de Otelô ao longo de todo este processo. Não queremos, de resto, que exista o «Otelismo», isto é, o apoio a um homem independentemente do seu programa.

O próprio Otelô, de resto, reconheceu os seus erros (vide a mensagem à Assembleia do Poder Popular do último domingo).

No entanto, registamos que, em contraste com a crítica feita a Otelô, o PC não cessa de, através dos seus órgãos oficiosos, elogiar Costa Gomes, figura efectivamente responsável pela viragem à direita, com a qual, de resto sempre esteve comprometido.

Se, a este respeito, a memória do PC é curta, pode estar sossogado porque, a seu tempo, os factos serão contados.

começou. E a guerra anti-Otelô. Não contentes de lançarem a divisão com a candidatura de Pato-Costa Gomes, lançaram também a guerra da calúnia e do insulto.

Não é Eanes que eles combatem, não é o Pinheiro de Azevedo de que eles falam. E Otelô que lhes merece os insultos e a calúnia; são os revolucionários que são injuriados.

Leia-se o «Diário», leia-se o «Diário de Lisboa», leia-se o «Avante». Não há aí uma crítica a Eanes ou Azevedo. Mas há todos os dias as mais venenosas afirmações a respeito de Otelô.

Na Lisnave e na Setenave, as comissões de trabalhadores não apoiam realmente a candidatura de Otelô... Pois não. Mas foram os únicos que não aprovaram! Todo o resto das duas assembleias (mil, dois mil trabalhadores) aprovaram em peso. E essas comissões ficaram isoladas. E que são de influência PC! E é isso que dói. Mas vai doer muito mais daqui em diante...

E também sobre o PRP esses venenosos políticos fazem cair a sua baba caluniosa. De norte a sul do País essa gente espalha mentiras a respeito deste partido, faz correr papéis, intriga. São essas as armas dos que não têm razão. São essas as armas de quem perde o pé, tal como acontecia aos fascistas.

Perante a ridícula e divisionista candidatura de Pato (é outro Arelte) algumas dezenas de militantes rasgaram o cartão no Hotel vitória. Mas isso foi nas primeiras horas. Outros virão. Tal como aconteceu com Delgado, eles podem inventar os Arelindos videntes que quiserem (as histórias repetem-se), que o movimento de massas está onde eles estão. E, realmente, vão indo para o «caixote do lixo da história», embora Pato o negue.

Este é o caminho dos oportunistas. Porque isto é uma vez mais a conciliação. E uma satisfação que dão à direita, travando o movimento de massas da esquerda. E mais uma vez a expressão pública dos acordos com os «Nove» e com Eanes. Porque Pato não irá às urnas...

## NOTAS BREVES

### DEFENDEM TODOS O MESMO

Ramalho Eanes, um dos candidatos da burguesia às presidenciais, declarou: «devo dizer que não ando à procura de consenso nas unidades», aquando da sua ida à Região Militar do Centro.

Isso já nós sabíamos. Leia-se, no último jornal, as «Notícias Revoluções» e, poderia alguma vez o general Ramalho Eanes ter o «consenso das unidades?»

Nunca! Nas unidades há duas classes que se afrontam. Há a burguesia e os trabalhadores fardados. Há luta de classes.

A não ser que diga que tem, como brigadeiro Pires Veloso, um «feeling» (poderemos, talvez, traduzir por «firo») que lhe permita saber tudo, tal como o Marcelo Caetano e o Salazar não precisavam de eleições porque eles é que sabiam o que o povo queria. São todos da mesma classe. Embora lhe vistam fardos diferentes, defendem todos a mesma coisa — os seus princípios de classe.

### A SOCIAL-DEMOCRACIA — EXPLORAÇÃO

Mário Soares, em entrevista à revista alemã «Der Spiegel» afirmou: «Devemos governar sozinho porque, de outro modo, o nosso partido desintegrar-se-ia».

Se o PS se aliar aos fascistas do CDS e PPD, as suas bases, especialmente aquelas onde há trabalhadores, perceberiam claramente a prática de direita do seu partido e abandonariam. Se o PS se aliasse ao PCP, a burguesia que lhe deu votos, já não teria confiança neles como força ao seu serviço.

Mas, mais importante, é retermos as seguintes afirmações de Mário Soares: «Um governo da chamada maioria de esquerda, uma espécie de frente popular, representaria actualmente um perigo de golpe de direita».

Final, a direita pode fazer um golpe e, para evitarem, fazem-lhes a vontade. E de tal maneira, que Mário Soares chega a afirmar: «Não haverá mais nacionalizações e serão dadas todas as garantias investidores nacionais e estrangeiros».

Traduzamos este bla-bla na nossa linguagem (na linguagem de quem não pretende enganar os trabalhadores): se nós fizermos aliança PS-PC, além de perdemos todo o apoio da burguesia internacional que nos sustenta, eles fazem um golpe e acabam, inclusive, conosco. Portanto, vamos tentar formar um governo sozinho e desde já vos dizemos: podem investir porque continuarão a poder explorar, nós nos encarregaremos de o conseguir.

E este o «socialismo em liberdade» dos sociais democratas de todos os matizes.

### COSTA GOMES: A RESERVA DO PC

Dispondo já de um posto de recolha de assinaturas, está constituída a Comissão de Apoio à candidatura de Costa Gomes, esta é a prova evidente que os reformistas do PC ainda não desistiram de Costa Gomes.

Com efeito, fazem parte da referida Comissão de Apoio, personalidades reconhecidas afectas ao MDP-PCP (casos de José Gomes Ferreira, José Cardoso Pires, Luis Francisco Rebelo, Luis Catarino, Maria Lamas, Vitor Sá, António Galhordas, etc).

Na sequência dos contactos já estabelecidos por alguns elementos daquela Comissão, está previsto para esta semana uma audiência formal com Costa Gomes.

### AS SIGLAS DOS BANDOS FASCISTAS

O ELP tem usado várias siglas para tentar confundir. E assim que apareceu o MAP e outros que são sempre variações da mesma organização que pretende confundir a opinião pública. Fácil de deduzir... Mas não para o brigadeiro Vasco Lourenço que, no dia 12, declarou em Santa Margarida que, sobre as bombas que têm sido postas é difícil tirar conclusões, por haver muitas siglas a reivindicá-las. E acrescentou, que ainda não se tinha definido o que era o ELP.

Isto é demasiada confusão e indefinição para um chefe da Região Militar de Lisboa!

e a actualidade nacional

# Estabelecidas formas de cooperação entre o PRP e o "Al Fatah"

No último fim-de-semana decorreram conversações, em Lisboa, entre uma delegação composta por dois elementos do Movimento de Libertação Nacional «Al Fatah» («linha correta» em português) e elementos do Secretariado Político, assim como do Sector de Relações Internacionais do Partido Revolucionário do Proletariado.

O estabelecimento de bases sólidas de cooperação e a solidariedade militante entre estas duas Organizações Revolucionárias reveste-se de importante significado. Assim sendo, transcrevemos o comunicado conjunto assinado no dia 13 do mês em curso:

«Conscientes da necessidade de coordenar as actividades de todas as forças revolucionárias anti-imperialistas e seus aliados para acelerar a derrota final do imperialismo e, tendo a total convicção de que tal só pode obter-se através de uma luta popular armada, as duas delegações procederam à análise da situação política dos respectivos países e suas perspectivas, antes de estudarem formas concretas de solidariedade à luta revolucionária dos dois povos.

«Assim, a delegação da «Al Fatah» fez uma exposição concreta sobre as lutas do povo palestino sob a direcção da sua vanguarda revolucionária «Al Fatah», durante as várias etapas do movimento, e discutiu a situação da revolução palestina face às conspirações existentes contra ela. Analisando, em particular, este aspecto, considerou que a proposta de negociações políticas mais não significa do que uma tentativa para superar a crise da direita, dos regimes reaccionários árabes e a crise do sionismo, na Palestina usurpada, submetida ao imperialismo na sua zona árabe. Tornou particularmente claro que a colaboração da direcção da O. L. P. nas referidas negociações significa o abandono dos propósitos e princípios da revolução e o compromisso com as forças reaccionárias e direitistas do mundo árabe.

«A delegação de «Al Fatah» reite-

rou a sua disposição de militar totalmente na via da luta armada como única forma de libertar a totalidade do território palestino e liquidar a presença sionista no campo tanto militar como económico e criar um estado palestino democrático. E, assim condenada toda a tentativa de capitulação ou revisão desta orientação, como condenados são todos os que nelas colaboram, bem como todas as pressões exercidas nesse sentido, venham donde vierem.

«A delegação esclareceu, ainda, diversos aspectos da crise do Líbano e a sua relação com a via da negociação política, tendo sido ressaltada a solidariedade necessária com as forças progressistas libanesas na sua luta contra o avanço do fascismo.

«Em seguida, a delegação do P. R. P. fez uma resenha breve da evolução do Partido desde 1973, acentuando nomeadamente o papel necessário da violência no processo português que levará à constituição das Brigadas Revolucionárias e à sua posterior fusão no seio do Partido.

«Acentuou, em seguida, os motivos de ordem económico-política que levaram a considerar, logo desde Abril de 1974, inviável a estabilização de uma democracia burguesa em Portugal e possível uma opção claramente socialista, se os revolucionários souberem organizar os trabalhadores e apontar objectivos justos e audaciosos ao movimento popular que então crescia com extrema rapidez.

«Analisaram-se, depois, as importantes conquistas alcançadas no campo do direito à posse colectiva da terra, à habitação e ao trabalho e apreciaram-se as formas de Poder Popular criadas, desde Comissões de Trabalhadores a Comissões de Moradores, de Conselhos de Aldeia aos Comitês de Soldados, bem como a proposta dos Conselhos Revolucionários como estrutura organizativa superior lançada pelo PRP em Março de 75.

«O dilema Revolução socialista ou tascismo só sera, em definitivo resolvi-



do pela tomada do poder pelos trabalhadores e a evolução da situação portuguesa levou o PRP a fundamentar em Novembro de 75 a urgente necessidade de preparar a insurreição armada.

«Com o golpe de direita em 25/11, a luta dos trabalhadores sofreu um recuo, pela neutralização da esquerda militar, mas já em 1976 se observa uma crescente combatividade contra a tentativa da burguesia de reconquistar os privilégios parcialmente perdidos.

«A delegação do PRP explicitou porque fez uma campanha abstencionista (na impossibilidade de formar com as outras organizações da esquerda revolucionária uma frente anti-eleitoral) dado considerar as eleições legislativas uma mistificação dos trabalhadores, factor de divisionismo partidário e meio insusceptível de derrotar a burguesia.

«Justificou em seguida porque uma candidatura revolucionária à Presidência da República com base num programa de reforço do poder popular e de defesa dos explorados poderá contribuir para unir o movimento popular e fazê-lo dar passos decisivos.

Em conclusão, ambas delegações, da «Al Fatah» e do PRP, acordaram:

— na solidariedade militante recíproca às lutas de libertação dos

povos português e palestino;

— na denúncia do imperialismo e do sionismo como forças opressoras e obstáculos à emancipação dos trabalhadores, a abater por todos os meios;

— na condenação de todas as formas de pressão e conciliação políticas ou económicas, que colidam com os anseios profundos dos povos explorados, como meio de protelar a sua libertação definitiva;

— na existência de perspectivas mais favoráveis, no plano internacional, para o triunfo dos movimentos de libertação, nomeadamente devido ao êxito recente da luta dos povos das ex-colónias portuguesas, saudando em particular o MPLA, pela sua vitória sobre os imperialistas americanos e sul-africanos.

«Foram estabelecidas, por fim, formas práticas de trocar as experiências de luta de ambos os sectores revolucionários e de divulgar largamente, junto dos povos respectivos, as características e perspectivas, quer da resistência palestina, quer do Movimento Popular Português.

**MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL**  
**«AL FATAH»**  
**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**



## PS APOIA EANES

## AS CONTRADIÇÕES DA DEMOCRACIA BURGUESA

Todos os defensores da «democracia» se juntam agora, como na hora da verdade, à volta dos da sua «con», por identidade de ideias e objectivos, por oportunismo, ou ainda por traição. Pomos a palavra democracia entre aspas porque nos reformismos há falsa democracia, há democracia da burguesia, uma democracia para alimentar os burgueses e servir de engodo aos trabalhadores.

Ramalho Eanes, uma figura colocada nos órgãos de poder pelo 25 de Novembro, é agora coroado pelos grandes partidos burgueses de «homem do 25 de Abril» e «anti-fascista». É por isso, apoiado pela direcção do PS, após grande hesitação, não só por contradições internas, mas também por ver a disposição imediata do PPD e do CDS em apoiar Ramalho Eanes. A direcção do PS, apesar de se querer demarcar politicamente destes partidos, não se afasta da perspectiva de querer ver no poder um homem que reorganize o exército, crie as estruturas policiais capazes de defender a moral burguesa, a ordem e a propriedade.

Isto, é todo o jogo político que se pratica nos bastidores. Para aqui os trabalhadores não são chamados. São chamados, sim, para o trabalho e para fazer a «democracia» destes

senhores com um papelinho na urna de quatro em quatro anos.

Mas, a democracia é outra coisa, camaradas, a democracia é votar nas fábricas, no dia a dia, o problema salarial, o custo de vida, o controlo operário, a solidariedade, etc.

A democracia verdadeira é a democracia do proletariado que, nas fábricas como no campo, elege as comissões que o representam, no sentido do avanço para novas conquistas e defesa das conquistas já efectuadas.

E esta democracia que os trabalhadores tem praticado e continuam a praticar, como acontece agora com o apoio à candidatura revolucionária do general Otelo, o candidato do Poder Popular.

É esta a democracia de que a burguesia tem medo ou, alguma, não tem medo, ainda hesita.

É por isso que o general Ramalho



Eanes não é o candidato dos trabalhadores.

Mas, como sempre afirmámos, é necessário distinguir a direcção do PS, das suas bases e de muitos trabalhadores que nele votaram. Com efeito, uma grande parte dos votos deste partido foram votos ao anti-fascismo e até à «opção socialista». Assim, ao apoiar Ramalho Eanes, o PS trai milhares de trabalhadores.

Por outro lado, o facto de o secretariado nacional do PS não ter conseguido chegar a uma conclusão sobre o candidato a apoiar relegando esta decisão é bem a prova de que o PS é consciente desta traição e é bem a prova das muitas contradições que há no seio deste partido.

## duas atitudes: um fim

Dois atitudes da Imprensa face à candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho.

Dum lado, o jornal «O Dia», do outro, o «Diário de Lisboa» e o «Diário». Um fim: denegrir a candidatura do Poder Popular, da Revolução Socialista.

São diferentes as formas, são diferentes as ideologias que estes seguem mas, é necessário que os trabalhadores se interroguem sobre a coincidência destas posições e que lhes respondam, embora de diferentes maneiras, mas com igual fim. Impor uma informação revolucionária ao serviço da classe operária é também, uma das tarefas do movimento popular que imporrá a candidatura de Otelo.

A falsa informação, venha ela de onde vier, deve ser combatida. Enquanto os fascistas tiveram voz neste País, muitos trabalhadores poderão ser enganados, muita boataria pode-

ráo espalhar, muito contribuirão para a organização da burguesia e, esta significa sempre a organização para o esmagamento dos trabalhadores.

A luta contra a burguesia passa pela luta contra a conciliação, passa pela luta contra o reformismo.

Há que impor a imprensa revolucionária para que, nem uns nem outros possam enganar os trabalhadores. Há que perceber que o reformismo é a penetração da ideologia burguesa na classe operária.

«O Dia», em todas as informações que dá sobre a candidatura de Otelo, pretende denegri-la mas, co-

mo reaccionários que são, utilizam as mais sujas manobras, o mais baixo calão.

Por outro lado, temos o «Diário de Lisboa» e o «Diário» que, embora não entrando na calúnia, não informam os trabalhadores do grande movimento popular que, por todo o País, se levanta para impor a candidatura revolucionária do Poder Popular e que, preocupam-se, sim, em informar das manobras burguesas que querem impossibilitar esta candidatura, sem explicar que são manobras, apresentando-as como factos que os trabalhadores terão que aceitar.

Veja-se, por exemplo, o «Diário de Lisboa» de 14-5-76 em que se afirma que, para além de Otelo não poder ser elegível, os apoios populares à candidatura podem não vir a «atingir a amplitude desejada» e depois transcreve um comunicado da CGT da Lisnave, dizendo que não apoia Otelo quando, nesse mesmo dia, os trabalhadores da Lisnave, em plenário, aprovaram por esmagadora maioria uma moção de apoio à candidatura de Otelo.

Veja-se «O Diário» de 17-5-76, em que se afirma que estavam 200 pessoas no plenário do LNEC e não lhe dá importância nenhuma quando estavam mais de um milhão quando ali foi expresso o grande movimento de massas que se levanta em torno da candidatura da Revolução Socialista, da candidatura de Otelo.

Não é só a falsa informação que os trabalhadores tem que combater. Os trabalhadores tem que lutar por uma informação que esteja ao seu serviço, tal como tem que lutar contra a burguesia e contra o reformismo, se quiserem vencer.

## NOTAS BREVES

## AS BOMBAS DO CDS

Para além das patacudas do costume, o fascista Freitas do Amaral, na TV, afirmou: «nós não somos reaccionários, não somos violentos».

Uma prova de que não fala verdade é que dois fascistas do CDS estão presos por terem bombas. E o caso da bomba que rebentou na Av. Biarritz, 8, no Estoril, que é a casa de um dos indivíduos do CDS.

E ainda, as armas apanhadas na Trofa, na quinta de um militante do CDS; e — só mais um para não falar nas provas de ligação do CDS ao MDLP, contidas nas gravações de Wairaff e outras — o guarda-costas de Galvão de Melo, Ângelo Ramos do Nascimento que, entre outras coisas, estava ligado à explosão de Monsanto.

São mesmo contra a violência, mas, contra a violência revolucionária. Aliás, a violência reaccionária não é (para os fascistas, claro) «violenta» é a «manutenção da ordem».

## O «APARTIDARISMO» DAS F A BURGUESIA

Segundo o jornal reaccionário «Comércio do Porto» 14-5-76, o fascista Sá Carneiro e seus acólitos foram à Base Aérea de Sintra fazer discursos sobre política e economia, a convite do coordenador do curso geral de guerra área no qual estão a participar «meia centena de capitães e maiores pilotos aviadores».

É este o «apartidarismo» das Forças Armadas burguesas.

Para os soldados, que pretendem discutir a situação política, o que lhes acontece é irem presos.

## AS MANOBRAS DA BURGUESIA

Pinheiro de Azevedo afirmou, em entrevista à revista americana «News Week», que só não se candidataria se «Mário Soares e o general Ramalho Eanes se candidatassem ambos à presidência».

Quer Pinheiro de Azevedo dizer que vai fazer a campanha que Mário Soares faria se se candidatassem?

Quer Pinheiro de Azevedo dizer que não há coincidência de posições entre Mário Soares e Ramalho Eanes?

Isto só interessa aos trabalhadores e revolucionários para conhecerem as divisões no seio da burguesia. De resto, não passam de manobras de bastidores, próprias de políticos burgueses com ansiosos de Poder.

## OS COMPROMISSOS COM O FASCISMO

Como já foi afirmado no «Revolução», os sociais democratas (civis e militares) querem dar um ar de esquerda à candidatura de Ramalho Eanes.

Este, em entrevista ao jornal «A Luta» de 13-5-76, afirma, caso ganhe as eleições, «chamarei o secretário-geral do PS para formar Governo. Quanto às condições, elas serão definidas oportunamente, mas estarão em conformidade com as bases programáticas da minha candidatura, que não serão incompatíveis com as do futuro Governo». É o puchar do eleitorado PS para o seu lado.

Mas, não é só Eanes. Segundo o «Jornal de Notícias» do Porto, o PS estaria a pensar no tenente-coronel Firmino Miguel, para ocupar importante cargo no futuro Governo. Quer dizer, poderá não estar lá a direita civil, mas, pelo menos, estará lá a direita militar. É a solução de compromisso com o fascismo. Se assim não fosse, como poderia Ramalho Eanes ter o apoio do CDS e do PPD? Apesar de todas as manobras que pretendem fazer, para os trabalhadores, cada vez é mais claro: Eanes, é o candidato não só da direcção do PS, como do PPD e do CDS.



## e a actualidade nacional

## PLENÁRIO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS DO PRP

## Desenvolver o Poder Popular

Realizou-se no últimos dias um plenário de responsáveis do PRP, no qual, com a presença de tres centenas de camaradas, foram focados os seguintes pontos e tomadas as seguintes resoluções:

1 — Balanço e análise da situação política nos últimos dois meses incluindo as recentes eleições para a Assembleia da República.

O plenário de responsáveis foi unanime, uma vez decorrida a campanha eleitoral, em considerar justa a posição assumida pelo PRP face a essa campanha, o que objectivamente foi ratificado pelos mais de milhão e 300 mil eleitores que se recusaram a dar o seu aval às eleições burguesas. O resultado das eleições apresentava-se, assim, coerente com a radicalização da luta de classes, expresso nos ganhos dos fascistas do CDS, no fracasso eleitoral de todas as posições reformistas desde o PCP à UDP (tendo em conta as desistências do MDP do PUP e da FEC-mi) passando pelo MES, FSP e LCI, e no considerável aumento de abstenções e votos nulos.

2 — Foi unanimemente reconhecida pelo plenário a influencia do aumento do custo de vida, da repressão e dos ataques às conquistas dos trabalhadores verificados após o 25 de Novembro, no sentido de um despertar da consciencia das massas trabalhadoras, despertar esse que abre novas perspectivas ao desenvolvimento da luta de classes em Portugal, na medida em que os trabalhadores sentem na carne o vazio e o logro das posições dos partidos reformistas e eleitoralistas, procurando agora alternativas revolucionárias capazes de conduzirem à derrota definitiva da reacção e à tomada do poder pelas classes trabalhadoras.

Considera, pois, o PRP que se atravessa um momento decisivo para o processo revolucionário português, dado que o agravamento da crise económica e política criou condições para a transição dum período de defesa das conquistas alcançadas para uma nova fase marcada pela ofensiva de massas de cariz vincadamente anticapitalista.

3 — É na consciencia plena de que tal ofensiva de massas só será possível se se conseguir a unidade revolucionária dos operários, camponeses, pescadores, soldados e marinheiros, unidade que terá que se traduzir num grande avanço da organização política autónoma dos trabalhadores, que o PRP apoia a candidatura revolucionária de OTELO SARAIVA DE CARVALHO à Presidencia da República. Homem do 25 de Abril, figura de destaque no combate à reacção, defensor das organizações populares

de base, que através do COPCON prestou o seu apoio à Reforma Agrária, às lutas dos operários e dos moradores, OTELO surge como a única alternativa possível e válida às candidaturas da direita, como candidato efectivamente apertado e unificador das grandes massas trabalhadoras do país, em torno de um programa consagrando o Poder Popular como alavanca da Revolução Socialista e cujas linhas gerais estão consagradas no «Documento do COPCON».

Pensa o PRP que, mau grado as manobras divisionistas dos reformistas que procuram travar o desenvolvimento das estruturas do Poder Popular, estão a criar-se condições para a ultrapassagem das manobras e negociatas de cúpula, na medida em que

os trabalhadores do Norte a Sul do País se aperceberam cada vez mais de que não há luta antifascista consequente se não houver uma perspectiva claramente anticapitalista, apontando para a Revolução Socialista e para a ditadura do proletariado, o que exige um aglutinar de forças através das organizações do Poder Popular.

4 — O PRP cujo crescimento e aumento da capacidade de intervenção de Norte a Sul do país é um facto, constata que a agudização e a radicalização da luta de classes tornou claro o reformismo de que enfermam partidos que recorrem ao manobristo para impedir a criação e desenvolvimento das organizações do Poder Popular e adoptam formas de luta recuadas. Esta constatação faz

sentir a necessidade de um mais rápido desenvolvimento do PRP de modo a que possa responder positivamente à sua responsabilidade como partido revolucionário capaz de contribuir decisivamente para a ultrapassagem de todos os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento dos órgãos do Poder Popular e ao avanço para a Revolução Socialista.

— Pelo Poder Popular!  
— Pela Revolução Socialista!  
— Pela Ditadura do Proletariado

O Secretariado do Plenário de responsáveis do Partido Revolucionário do Proletariado (PRP)

Lisboa, 16 de Maio de 1976

ALERTA SOLDADO:  
Não defendas  
quem está contra o povo!

Mais uma vez, os reaccionários, militares e civis, de Estremoz, levantaram a cabeça mostrando a sua face assassina. Após o agrário José Ramalho ter agredido de uma maneira brutal um trabalhador agricola de uma cooperativa, os camaradas solidários com este vieram, a Estremoz, manifestar a sua repulsa pela humilhante provocação à classe trabalhadora.

Desfilaram em manifestação, passando em frente ao quartel. À porta do quartel estava montado um forte dispositivo, de segurança. Concentraram-se, em seguida, no Rossio tendo, nesta altura, a PSP feiro buscas aos tractores em que se transportavam, tendo encontrado nestes, apenas os seus utensílios de trabalho.

Depois do desfile e concentração alguns trabalhadores regressaram aos seus locais de trabalho, ficando outros que se juntaram aos trabalhadores das pedreiras e grupos de populares em número considerável.

Entretanto, começou a circular que os reaccionários, civis e agrários, contramifestantes, queriam depôr o presidente da Câmara de Estremoz, aq que os trabalhadores responderam com uma concentração em frente da Câmara para impedir que tal acontecesse.

Um grupo de reaccionários avançou, tendo havido confrontos fisicos dos quais resultaram 6 feridos. Em seguida, as forças repressoras da PSP e GNR, colocando-se definitivamente ao lado dos reaccionários, e não satisfeitos com as confrontações havidas, carregaram e agrediram os trabalhadores.

Como se isto não bastasse, chegaram ao local 6 Chaimites do RCE, sob o comando do maior Marques Pereira

e composta, também, pelo major, Ataíde, capitão Moura e o 1.º sargento Galhardas e outros conhecidos defensores dos agrários e fascistas da região que perfilaram as suas Chaimites, virando-as contra os trabalhadores.

A sua chegada foi marcada com assobios de repúdio, por parte dos trabalhadores e com palmas e gritos de «morte aos trabalhadores», por parte dos reaccionários.

As manifestações de repúdio, por parte dos trabalhadores, aumentavam quando o comandante da força e o seu lacaio Galhardas carregaram com as Chaimites contra os trabalhadores.

Os trabalhadores foram obrigados a fugir desordenadamente para fugir ao atropelamento tendo um soldado do mesmo regimento, que se encontrava junto dos trabalhadores, sido apalhado pela mesma Chaimite, ficando com as pernas esmagadas debaixo do rodado da fúria assassina do seu repressor.

Em seguida, os comandantes das três forças (PSP, GNR e RCE) deram um ultimato aos trabalhadores de cinco minutos para dispersarem tendo o 1.º sargento Galhardas as armas da Chaimite prontas a disparar. Foi impedido, no último momento, de o fazer.

Não satisfeita a sua vontade assassina, tentou saltar da chaimite com a sua G3 aperrada, direito à multidão tendo sido, mais uma vez, impedido de o fazer por parte de um outro militar.

Os trabalhadores, ante a sua impotência e reprimidos por todas estas forças, dispersaram em pequenos grupos para a Praça Central, tendo — mais uma vez, as forças da repressão

mostrado bem claro a sua posição reaccionária, passeando-se nas suas Chaimites durante muito tempo, à volta desta mesma praça.

Após estes acontecimentos, é fácil concluir que, nas Forças Armadas, PSP e GNR, existem reaccionários prontos a tudo para defender a manutenção dos seus privilégios, pondo-se definitivamente contra as classes trabalhadoras.

Nas mesmas Forças Armadas também existe outra classe, a explorada, os filh: dos trabalhadores que são mais fortes e em maior número e que, ainda não conseguiram impedir que uma dúzia de oficiais e sargentos reaccionários reprimam os seus irmãos trabalhadores.

É perante estes factos que se torna cada vez mais urgente a organização dos soldados de todos os revolucionários na luta ao lado dos seus irmãos de classe.

**Soldado, vira as tuas armas contra os opressores, não defendas quem está contra o Povo a quem pertence**

**OS SOLDADOS SÃO FILHOS DO POVO!**  
**REACCIÓNARIOS FORA DOS QUARTEIS!**  
**OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS, UNIDOS VENCEREMOS!**  
**UNIR, ORGANIZAR E ARMAR — A REVOLUÇÃO TRIUNFARÁ!**

DIRECÇÃO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DOS ALENTEJOS DO PRP 17-5-76.

## TORRINGTON PORTUGUESA

## Boicotes e ameaças de despedimentos

A Torrington é uma fábrica de agulhas, multinacional.

Os trabalhadores estão em luta pela aplicação da portaria relativa aos metalúrgicos, que a administração se recusa a cumprir.

Neste momento, desenrolaram o processo de eleição de uma nova Comissão de Trabalhadores, dado que a anterior se demitiu, em virtude de existirem graves problemas internos provocados pelos oportunistas nela infiltrados.

Falámos com alguns trabalhadores, que nos puseram ao corrente dos problemas existentes entre os trabalhadores e o patronato, e ainda da divisão que existe dentro dos trabalhadores.

**REVOLUÇÃO** — O problema mais grave, neste momento, é o facto de não terem Comissão de Trabalhadores. A que se deve essa situação?

**TRABALHADOR** — Dentro da Comissão existiam oportunistas, laçaios do patronato. Iam contar à administração o que se passava nas reuniões da Comissão.

Um senhor que é delegado sindical, e que ia à sede do sindicato pedir para se comprovar a identificação dos outros delegados, o que é que este senhor pretendia? Consegue arrastar consigo trabalhadores a oferecer horas de borla a uma multinacional que tem milhares de contos — Para que?

Enfim...

Que fique bem claro que não estou contra os trabalhadores, tem o seu dia a dia, tem que comer, etc.; mas estou, isso sim, contra o facto de se deixarem manipular, de servirem de marionetas dos patrões e de estarem, ao fim e ao cabo, a agirem contra eles mesmos.

**REVOLUÇÃO** — Toda esta situação é criada pelo patronato, através dos seus laçaios, para provocar a divisão entre os trabalhadores. Mas, há mais questões?

**TRABALHADOR** — Há ameaças de despedimentos, alegando a administração falta de produtividade.

Boicotes, há-os de certeza; por exemplo: os trabalhadores querem trabalhar e trabalho não há. A administração acusa os trabalhadores de não quererem trabalhar. E, já quando da altura da luta grande, houve operários que de facto juntavam agulhas tortas partidas e ferrugentas na produção; esses eram uma minoria e eram, de facto, afectos à administração, manipulados para prejudicarem todos os outros.

Mais: temos um acordo do tempo da luta que diz que as transferências dos operários para sectores diferentes dos seus, só pode ser feita com acordo da Comissão. Isso nunca foi feito. Mudam os trabalhadores para secções onde por vezes nem existe trabalho, para criar situações de atrito. Se há trabalhadores que são afinadores de máquinas, não se compreende que vão catrabuchar agulhas. E, inconscientemente, os trabalhadores vão na coisa. Infelizmente, a própria Comissão se deixava manobrar, fazendo acordos totalmente favoráveis a essa mesma administração. É o caso do 13.º mes que devíamos ter recebido já o ano passado, e agora não sabemos se o vamos receber ou não. Também sei que durante a luta houve trabalhadores que contribuíram para que esse acordo fosse feito, pressionando os outros, fazendo reuniões fora da fábrica, para travar a luta.

**REVOLUÇÃO** — Podem descrever qual foi a luta a que te referes?

**TRABALHADOR** — A luta que tivemos foi por causa de um despedimento sem justa causa. Opusemo-nos a

que o Ministério do Trabalho fizesse um inquérito, pois sabíamos que o despedimento era sem justa causa. Impedimos que a administração entrasse, como prova de força, mas como os trabalhadores estavam divididos, a administração (americana e portuguesa) acabou por entrar, fizeram o inquérito e acabaram por considerar que o despedimento era sem justa causa. E parámos. O resultado de termos desistido da luta está agora a ver-se: Há uma manipulação constante por parte da administração e seus laçaios, aos operários, houve a extinção da Comissão de Trabalhadores. Conseguiram os seus objectivos que quer, agora, que os Delegados Sindicais sejam extintos. Os DS não se deixam, na maioria, manipular. Alguns operários tem contribuído para essa extinção.

Resume-se no seguinte: Houve, em princípio, uma movimentação organizada dos trabalhadores. A administração viu que a organização movimentava trabalhadores e agora quer acabar com ela completamente. E embora haja trabalhadores que vão naquilo que eles (administração) pretendem, há outros que não.

**REVOLUÇÃO** — Neste momento, estão em luta pela portaria?

**TRABALHADOR** — Neste momento, há uma portaria por cumprir e eles manipulam o pessoal dando aumentos

a alguns (na base da disciplina, da produtividade, das faltas). Se fossemos todos unidos (não é só aqui, é a nível nacional) os que receberam esses aumentos, não os tinham recebido, porque são só para alguns e a portaria é para todos. Os aumentos são uma manipulação de alguns para que se ponham contra o resto e os dividam.

A inspecção de trabalho vem cá daqui a uns dias, o que vai criar novas situações, porque a administração não está interessada em cumpri-la. Se ela estivesse a ser cumprida, havia uma lista de setenta trabalhadores que seriam despedidos, não se sabe quem, e os trabalhadores opõem-se porque pode ser cada um deles o despedido. Isto é chantagem. Querem fazer pagar aos trabalhadores o preço de uma crise que são eles que provocam. Ouvi na rádio que os EUA estão a tirar os dólares do Ocidente para os aplicar noutros países mais rentáveis. O sustento que é nosso e dos nossos filhos, não pode ser roubado.

São os trabalhadores que tem de descobrir à sua custa, quem são os verdadeiros amigos e quem são os inimigos.

Mais uma luta dos trabalhadores que, por falta de unidade e organização, tem dificuldade em avançar. A administração manipula, e a falta de esclarecimento de alguns trabalhadores leva-os a estar contra os outros.

Só através da assembleia geral de trabalhadores, com a discussão profunda de todos estes problemas e consequente eleição de uma Comissão de Trabalhadores representativa, poderá levar os trabalhadores desta fábrica a vencer mais na sua luta contra a administração, agente do imperialismo em Portugal.

## CERÂMICA DE CARNIDE

GREVE PARCIAL  
PELO CUMPRIMENTO DO CCT

O aumento do custo de vida continua a estar na base de movimentação dos trabalhadores com vista ao aumento de salários.

No caso de Cerâmica de Carnide — empresa com cerca de 150 trabalhadores ligados à produção de tijolos — os operários da cerâmica pretendem obrigar o patronato a cumprir o Contrato Colectivo de Trabalho.

Todavia, como noutros casos, nem sempre os trabalhadores da empresa estão unidos, para o que concorre grandemente a sua dispersão por vários sindicatos: nesta empresa há 4 sindicatos — dos Escritórios, Motoristas, Mecânicos e Cerâmica.

Conforme afirmou ao «Revolução» um camarada da Comissão de Trabalhadores da Cerâmica de Carnide, «temos o apoio de todos os Sindicatos, menos o dos Empregados de Escritório».

Aproveitando-se desta divergência criada e fomentada pelas relações de produção desta sociedade, o patronato está interessado em manter os tra-

balhadores divididos. Mas estes têm consciência disso:

«Os empregados de escritório e os motoristas já foram aumentados e estão contra nós. O patronato sabe disso e já ofereceu 1000\$00 de aumento, quando o CCT estabelece um aumento de 2400\$00.

Pela nossa parte estamos dispostos a levar a luta até às últimas consequências: iniciámos a greve parcial (2 horas por dia) no princípio da semana passada, fizemos 4 horas de greve na última segunda feira e não temos medo que o patrão se vá embora, como nos ameaça».

Com efeito, os operários cerâmicos desta empresa estão dispostos a levar avante a sua luta; para isso, os enfermeiros, que diariamente enformam 8 a 9 câmaras — o que representa cerca de 2000 tijolos de 6 furos — não querem cair no erro dos seus camaradas da Fábrica Santos (Catarrô — Paço do Lumiar) que, conciliando com o patrão, aceitaram apenas 500\$00 de aumento, contra o estipulado no CCT.

## Luta dos Trabalhadores

Como já vem sendo costume de algumas semanas, «Revolução» continua a trazer um apinhado das diversas lutas desencadeadas ou a desenvolverem-se durante os últimos dias. E isto porque consideramos demasiado importante o movimento que as massas trabalhadoras têm desenvolvido para que o ignoremos por falta de espaço. Por isso, passamos a seguir as lutas que consideramos importantes que viessem nesta coluna e aproveitamos para apelar aos camaradas leitores que nos enviem comunicados e relatos de lutas que se estejam a passar no seu local de trabalho ou zona de habitação. Queremos dar uma pequena visão da força dos trabalhadores em luta, da resposta que estes estão a dar ao avanço da direita.

## COMÉRCIO RETALHISTA

As entidades patronais do distrito de Setúbal insistem em pretender negociar os contratos dos caixeiros e dos empregados de escritório tentando, assim marginalizar os restantes trabalhadores. A isto têm os trabalhadores respondido com a greve. No dia 15 a adesão dos trabalhadores à greve foi de cerca de 93 por cento, tendo havido tentativas de aberturas de lojas, por parte dos patrões. Também, em Lisboa, se chegou a um impasse nas negociações para o CCT quanto às tabelas salariais, orgânica do contrato e diuturnidades. Perante isso, os trabalhadores saíram à rua concentrando-se junto do Ministério do Trabalho. Se as entidades patronais permanecerem na sua posição, os trabalhadores decidirão novas formas de luta, num plenário a realizar.

Em Leiria também os trabalhadores estão dispostos a entrar em greve para pressionar as entidades patronais a retomarem a negociação do CCT.

## MIDERÂMICA

Os trabalhadores da fábrica de cerâmica Miderâmica lutam agora pelo pagamento dos 24 dias de greve que sustentaram, exigindo aumentos salariais que foram, na sua generalidade, aceites. Simultaneamente, em todo o sector de cerâmica a luta continua para revisão do contrato colectivo. Serão brevemente decididas novas formas de luta, o que poderá resultar no agravamento da greve de 4 horas, levada a cabo no dia 17 e que registou enorme adesão por parte dos trabalhadores.

## CHAPELEIROS

Foi decidido em plenário de trabalhadores, a suspensão da greve das fábricas de chapeleiros de S. João da Madeira, dado haver um mínimo de garantias da saída de uma portaria do Ministério do Trabalho que consagra 30 por cento de aumentos salariais. Há, no entanto, a registar, não só a posição dos trabalhadores que se mantém na expectativa e, caso não seja publicada a portaria, entrarão novamente em greve, como também o «lock-out» efectuado em duas fábricas, uma por o patrão ter aceite os 30 por cento mas exigir mais horas de trabalho e outra por o patrão só ceder no aumento em 20 por cento.

## SECTOR AUTOMÓVEL

Depois da greve ocorrida no dia 12, as entidades patronais acederam em recomendar as negociações para o CCT, que abrangerá cerca de 70 mil trabalhadores. Continua, no entanto, a verificar-se um impasse quanto aos pontos referentes à tabela salarial; caso não se consiga ultrapassar este impasse, está convocada nova paralização geral para os dias 19 e 20.

## MADEIRAS

Continuam as negociações do CCT do sector de madeiras e as entidades patronais mantêm a sua posição irredutível quanto às exigências dos sindicatos, entre as quais 30 dias de férias. Caso as entidades patronais mantenham a sua posição, os trabalhadores estão dispostos a ir para a greve.

## HOTELARIA

Continuam por começar, as negociações para o novo contrato colectivo das empresas nacionalizadas da indústria hoteleira, já que o Estado (como entidade patronal) não tem aparecido nas negociações desde o seu início. Como resposta a isso, já decidiram os trabalhadores das empresas estatais do Algarve, recomendar a uma hora de greve diária, até dia 23 do corrente mês. Se, no mesmo assim, não começarem as negociações, o tempo de greve começará a ser alargado.

## DUARTE FERREIRA

Os trabalhadores da fábrica de línas Duarte Ferreira entraram em greve pela terceira vez desde o 25 de Abril, desta vez para que lhes sejam pagos os salários de Abril. Os trabalhadores continuam a não receber os seus salários pela portaria dos metalúrgicos e, perante tudo isto, os trabalhadores propõem-se também lutar pela substituição da actual administração por uma que lhes mereça confiança.

PLENÁRIO DE APOIO À CANDIDATURA DE OTELO

# A candidatura do Póde

No passado domingo, 16, realizou-se no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa, um plenário de órgãos do Poder Popular, no sentido do apoio à candidatura revolucionária de Otelô Saraiva de Carvalho à presidência da República, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Balanço. Ponto da situação.
- 2 — Discussão, propostas e organização
- 3 — Moção de apoio a Otelô

Estavam presentes centenas de trabalhadores de todo o país, muito deles mandados pelo organismo a que pertencem (comissões de trabalhadores, comissões de moradores, cooperativas agrícolas) comités de apoio à candidatura de Otelô — CACOS) e muitos outros, a título individual.

AS INTERVENÇÕES — OTELO  
CANDIDATO DO PODER POPULAR

O primeiro ponto da ordem de trabalhos foi preenchido por cerca de quatro dezenas e meia de intervenções de trabalhadores de todo o país, pela seguinte ordem — Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve.

De todas as intervenções tira-se a conclusão clara que, por todo o país, uma grande massa de trabalhadores e revolucionários apoia intransigentemente a candidatura de Otelô, na base de que ela será a candidatura do Poder Popular, a candidatura da Revolução Socialista.

No Norte há já muitos Comités de Apoio à Candidatura de Otelô — CACOs, quer em fábricas, quer em bairros sobretudo na cidade do Porto, na sua cintura industrial, em Viana do Castelo

Braga, Amarante e até em Vila Real. De realçar também duas intervenções de camaradas da Associação de ex-militares desempregados que afirmaram que os militares progressistas, expulsos no 25 de Novembro, estão com a candidatura de Otelô.

Também no Centro (Coimbra, Marinha Grande, Covilhã, Caldas da Rainha, S. João da Madeira, Viseu, e em outros locais) há já comités de apoio à candidatura de Otelô, há já abaixo-assinados de apoio à candidatura revolucionária, em fábricas, nos campos, em aldeias, em escolas.

Intervieram depois, camaradas trabalhadores de comissões de moradores da zona de Lisboa (Barro de Angola) Coração de Jesus, Amadora, N. S. de Fátima, St.º Condestável, Casal Ventoso, Bairro das Palmeiras, Quinta da Calçada). Ainda, comissões de mo-

radadores ou trabalhadores individualmente (Lisnave, Construção Civil, CACO do Grupo CUF, CACO da Cova da Piedade, um delegado sindical dos bancários de Lisboa, Metropolitano).

Finalmente, usaram da palavra trabalhadores do Alentejo (União das Cooperativas do Vimieiro) e uma operária de Évora, além de um camarada do Algarve, que deu a conhecer que nesta zona há já muitos CACO.

**TRABALHADOR ALENTEJANO: «NÓS NÃO QUEREMOS A TERRA; QUEREMOS TRABALHAR NELA PARA TODOS OS TRABALHADORES»**

Queremos aqui realçar pela profundidade de que se revestiu, a intervenção do camarada assalariado agrícola alentejano, das Cooperativas do Vimieiro, insistindo muito no problema da unidade revolucionária; de que a candidatura de Otelô é efectivamente a candidatura da unidade entre todos os explorados, entre os trabalhadores das fábricas e dos campos, entre todos os revolucionários. Este trabalhador foi o exemplo de como os seus irmãos de classe do Alentejo, compreenderam bem a necessidade de apoiar Otelô, apesar de todas as manobras de alguns partidos reformistas.

A propósito de Otelô, este trabalhador afirmou não importa que seja general, cabo ou soldado. É como nós, é um camarada. Se quiser estar ao

lado dos trabalhadores, tem que ser como nós.

Referiu-se também insistentemente à Reforma Agrária. E foi aqui que este camarada revelou o seu grau de consciência revolucionária. Em resposta às calúnias que acusam os trabalhadores alentejanos, de roubar as terras aos proprietários, ele afirmou: nós não queremos a terra, queremos trabalhar nela para todos os trabalhadores podem comer, para o bem de todos.

Com efeito, não é o direito à posse da terra que os trabalhadores reivindicam, é o direito ao trabalho livre de exploração, nessas terras que são de todos os trabalhadores portugueses.

**CENTENAS DE MOÇÕES E ABAIXO-ASSINADOS DE APOIO À CANDIDATURA DE OTELO**

Entretanto a mesa ia lendo algumas moções e abaixo-assinados de apoio à candidatura revolucionária vindos de todos o País. Era impossível lê-los todos, devido ao seu elevadíssimo número.

Salientamos algumas como: Plessley, Lisnave, Jotocar, Citroën-Porto, Metropolitano, Alfa, União das Cooperativas do Vimieiro (12 Cooperativas); Comissão de Moradores de Beja, Associação de Moradores de Paço d'Arcos, Comissão de Moradores do Bairro de Angolal de Nelas, Rio do Moinhos, Penálv do Castelo, Vouzela, Viseu:

**BAIRRO DE ANGOLA**

## “Otelô para

Tal como noticiámos na última semana o mercado popular do Bairro Angola está-se a efectuar semanalmente.

No último fim-de-semana, a Comissão de Moradores convidou a ir até lá Otelô. Centenas de moradores aguardavam com grande entusiasmo a sua chegada. E foi ao som da palavra de ordem **Presidente só há um, o Otelô e mais nenhum**, que ele foi recebido.

Abrços e beijos foi outra das manifestações com que o povo do Bairro Angola o recebeu, sobretudo de parte das mulheres, elas que no processo de ocupações e da organização das comissões de moradores têm tido um papel preponderante. E por isso sabem bem quem é o Otelô do Copcon, e como esta estrutura militar apoiou os moradores ocupantes.

Otelô conversou com todos, foi até à sede da Comissão de Moradores, tendo de seguida visitado o Bairro, vendo em que condições os moradores ali vivem.

**EM FRENTE, EM FRENTE — OTELO PARA PRESIDENTE**

Ainda no Mercado Popular, Otelô foi chamado a falar a todos. Ai ele

informou que estava proibido de falar em público, pelas autoridades militares, e que se o fizesse correria riscos. Uma moradora já avançada na idade, ao ouvir esta informação dizia-nos: **Para Sanlarém, outra vez não! Está-se mesmo a ver porque é que não o deixam falar Têm medo! Está-se mesmo a ver quem o prendeu Ele é presidente dos pobres, foi preso pelos ricos!**

Entretanto, Otelô ia respondendo, a algumas perguntas que lhe faziam e dizia **Falando aqui com os trabalhadores, o que vos digo é que, em relação à movimentação popular, tenho recebido imensas comissões de trabalhadores, de moradores e de aldeia E têm-se enviado moções aprovadas por aclamação ou por maioria em muitas empresas, fábricas principalmente É isso que eu posso considerar movimentação popular**

Há a movimentação popular, mas a nível militar, há uma série de dados de que preciso de ter melhor conhecimento **Inclusive ouvi o chefe de Estado-Maior do Exército e o comandante da Região Militar de Lisboa afirmarem já que, quanto à minha candidatura, se eu for elegível achariam bem Portanto o facto de eles põem essa condição não sei realmente o que poderá existir para uma possível**

**LISNAVE**

**APROVADA MOÇÃO**

**DE APOIO**

**À CANDIDATURA DE OTELO**

No passado dia 13, em Assembleia Geral de Trabalhadores da Lisnave — Margueira — Rocha, foi aprovada por esmagadora maioria a Moção abaixo transcrita. Apenas 50 trabalhadores votaram contra, tendo igualmente, sido lidas, mas rejeitadas por esmagadora maioria, duas Moções que propunham a candidatura de Vasco Gonçalves e outra por um Governo de Maioria de Esquerda.

Considerando as manobras dos vários partidos da burguesia para encontrarem um candidato comum para a Presidência da República.

Considerando que as manobras em curso destinam-se a garantir a continuação da exploração e da opressão sobre os trabalhadores.

Perante isto os trabalhadores sentem a necessidade de apoiarem a candidatura de quem se proponha defender com a Classe Operária e demais trabalhadores as conquistas realizadas pelo Movimento Popular depois do 25 de Abril de 1974.

Pelas provas dadas enquanto homem do 25 de Abril e como comandante do Copcon no apoio às lutas dos trabalhadores nomeadamente na Reforma Agrária nas ocupações de terras, fábricas e casas e no apoio às Comissões de Moradores e Trabalhadores, como Órgãos de Poder Popular, Otelô Saraiva de Carvalho é o candidato à Presidência capaz de defender um programa que sirva às Classes Exploradas, para a consolidação e avanço do Poder Popular.  
Margueira, 13 de Maio de 1976



# er Popular

mulheres antifascistas do bairro dos Açores — Alcácer do Sol; Setenave, C.M. de Setúbal.

## A ASSEMBLEIA GRITAVA «PODER POPULAR»

As intervenções eram muitas vezes cortadas pelo entusiasmo da assembleia que gritava insistentemente palavras de ordem como «Poder Popular», «Candidatura revolucionária ao serviço da classe operária», «Soldados sempre, sempre ao lado do povo», «Otel0 candidato do Poder Popular».

## O SIGNIFICADO DAS DIVERGÊNCIAS

O segundo ponto da ordem de trabalhos foi iniciada pela leitura de 2 documentos da comissão dinamizadora para a candidatura de Otel0 o que gerou um certo divisionismo que veio contrastar com a primeira parte do plenário.

Verificou-se que grande parte da assistência se indignou com o facto de num dos documentos intitulado «princípios organizativos» se propor que as organizações unitárias, que se deverão criar para o apoio à candidatura de Otel0, deverão chamar-se «Comissões de Unidade Popular» sem ter em conta que, por todo o País, há já comités de apoio à candidatura de Otel0, muitas vezes surgidos espontaneamente, sem a necessidade de qual-

quer «decreto» e que os trabalhadores começaram a conhecer pela sigla CA-IO.

A discussão deste problema não foi orientada da melhor forma e o carácter emotivo de algumas intervenções impossibilitaram que se fizesse um aprofundamento realista da justiça desta posição da maioria dos participantes, que está afinal confirmada na prática.

Também a mesa mostrou uma certa hesitação em pôr o problema a claro. Se, por um lado, não era justo estar a alterar nada do documento, uma vez que a assembleia não tinha carácter deliberativo (por não ser constituída por elementos mandatados) devendo ser os trabalhadores nos seus órgãos representativos a ter a última palavra; por outro lado, era justíssimo que a discussão fosse ali levantada e que se apurasse dali, naquela assembleia, um consenso. Na sequência desta discussão ficou estabelecida, antes das presidenciais, a realização de um **Congresso do Poder Popular** à escala nacional.

## MENSAGEM DE OTELO — MENSAGEM PARA OTELO

Logo no início do plenário tinha sido apresentada à mesa uma proposta no sentido de ir a casa de Otel0 exigir a sua presença ali. A delegação encarregada disto, regressou, não trazendo Otel0, uma vez que lhe é interdito o

## MENSAGEM DE OTELO AO PLENÁRIO

«Amigos e Companheiros:

«Estando proibido, sob pena de regressar a Santarém debaixo de prisão, de participar em comícios, reuniões, manifestações, etc., não posso, com pena, comparecer no plenário que está a decorrer no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Pelos companheiros que agora são portadores desta minha mensagem, tomo conhecimento do extraordinário calor e entusiasmo com que decorre o plenário. Um obrigado com um abraço muito amigo a todos vós, pela confiança que, apesar de todas as minhas hesitações e contradições ao longo do processo, vocês continuam a depositar em mim.

«Da minha parte podem crer que estou inteiramente convosco, do mesmo lado da barreira, na tremenda luta de classes que se desenvolve no País desde o 25 de Abril de 74. E uma vez mais as eleições para a Presidência vão demarcar perfeitamente os dois campos em luta. Vocês devem ter consciencia plena de que esta luta vai ser muito, muito dura. A partida, a classe dominante no Poder tem tudo a seu favor: o aparelho de Estado que domina, o poder financeiro dos grandes partidos burgueses eleitoralistas, o poder que lhe vem dos órgãos de Informação que controla na quase totalidade. Tudo isso constitui para a classe trabalhadora explorada do nosso país, para os humildes e os oprimidos, um imenso desafio. Vamos aceitá-lo, lutaremos pelo êxito e a vitória sorir-nos-á.

«EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

«A LUTA CONTINUA!

«ATÉ À VITÓRIA, SEMPRE!»

OTELO

direito de participação em comícios, mas uma mensagem do candidato que transcrevemos neste jornal.

Por fim, foi aprovada pela assembleia, uma outra mensagem dirigida a Otel0. Também, a propósito disto, houve divisionismo, sem comentários. Dizemos apenas que algumas pessoas contestaram que se incluíssem as mes-

mas palavras de ordem que Otel0 tinha dirigido na sua mensagem. Concretamente, a palavra de ordem «Pela Revolução Socialista». Quer dizer que há pessoas ou organizações que afirmam apoiar a candidatura de Otel0 e que, no entanto, estão contra pontos essenciais que norteiam essa candidatura.

# Presidente"

não elegibilidade Quando se põe em causa a possível elegibilidade põe-se em causa. Enfim, é possível que eu não possa ser eleito Neste momento não sei exactamente o que se pode pensar e estou à espera de receber qualquer indicação mais positiva De qualquer modo os meus advogados dizem que não há nada impeditivo de me candidatar Mas pode acontecer que de um momento para o outro, o processo-crime em que estou envolvido, pelos acontecimentos de Novembro, me ponha em causa Posso dizer até, que nem consulte a lei eleitoral, nem sequer sei o que ela diz e ignoro se terá alguma particularidade que impeça a minha candidatura

## «É EVIDENTE QUE A REVOLUÇÃO SOCIALISTA...»

E Otel0 continuou é evidente que a revolução socialista tem de ser feita pelo povo trabalhador A finalidade prioritária da revolução socialista é levar o povo ao poder, o povo trabalhador ao controlo e à gestão dos meios de produção Portanto é evidente que, numa circunstância destas, eu terei imenso orgulho, no caso de o poder,

em ser candidato à Presidência da República pelas massas trabalhadoras Isso será para mim a certeza de que, apesar de todas as minhas contradições ao longo do processo, de todos os avanços que eu possa ter tido, até pelo facto de ser oficial do Exército, apesar de tudo o povo confiou em mim, e acredita que lutei sempre ao lado dele, para que as suas conquistas fossem uma realidade.

Há a acrescentar que se verificou a presença de Arlete Vieira da Silva candidata do PRT e da LCI, que foi lá para falar da candidatura «contra o capitalismo, contra os generais» e colher assinaturas. A falta das perspectivas de uma candidatura como esta sem qualquer implantação nos trabalhadores fez-se notar pelo apoio que não chegou. O oportunismo que levou lá, para se aproveitar da movimentação à volta de Otel0, só levou à recolha de algumas assinaturas desprevenidas.

A combatividade dos moradores, pela defesa da candidatura revolucionária de Otel0, foi um facto. Tal como no Bairro Angola, o movimento de apoio à candidatura de Otel0, alastra-se a todo o País, e são já muitos, os comités de apoio à sua candidatura.



Em Camarate, Bairro de Angola, a imagem do que vai ser a campanha de Otel0: um revolucionário no meio dos explorados. É este o candidato dos pobres

MAO TSE-TUNG

# QUADROS, DIRIGENTES E DEMOCRACIA NO PARTIDO

Na sequência dos diversos textos de natureza teórica que temos vindo a publicar, reproduzimos hoje um artigo escrito por Mao Tsé Tung em Outubro de 1938.

As linhas que se seguem fazem parte de um artigo mais geral intitulado «O Papel do Partido Comunista da China na Guerra Nacional», texto que constituiu o informe de Mao Tsé Tung na VI Sessão Plenária do Comité Central eleito no VI Congresso Nacional do Partido.

As questões aqui abordadas tinham o propósito de ajudar os revolucionários chineses a compreenderem com clareza a responsabilidade histórica do Partido na direcção da Guerra de Resistência contra o Japão, potência imperialista que invadira a China.

Nessas condições históricas, como de resto em quaisquer outras, colocava-se com preminência aos revolucionários a resolução dos problemas suscitados pela política de quadros, disciplina e democracia no seio do Partido.

## Política de quadros

O Partido Comunista da China é um partido que dirige uma grande luta revolucionária numa imensa nação de várias centenas de milhões de homens. O Partido não seria capaz de cumprir a sua tarefa histórica sem dispor de um número considerável de quadros dirigentes capazes e qualificados. Ao longo dos últimos dezasseis anos, o nosso Partido formou muitos dirigentes competentes, de modo que já dispomos de uma armação de quadros nos domínios militar, político e cultural, assim como para o trabalho do Partido e de massas. Isso honra tanto o Partido como a nação. Mas a ossatura actual ainda não pode suportar esse grande edifício que é a nossa luta, razão por que temos de continuar a formar elevados contingentes de quadros competentes. Da luta colossal do povo chinês surgiram e continuam a surgir muitos activistas, sendo nosso dever organizá-los, formá-los, rodeá-los de solicitude e saber utilizá-los. Uma vez estabelecida a li-

nhá política, os quadros são um factor determinante. Por consequência, formar segundo um plano um grande número de novos quadros constitui nossa tarefa de combate.

Devemos preocupar-nos tanto com os quadros que são membros do Partido como com os que o não são. Fora do Partido há muitos indivíduos capazes que este não deve ignorar. O dever de cada comunista é desembaraçar-se de toda a altivez e arrogância, saber colaborar com todos os quadros não comunistas, prestar-lhes uma ajuda sincera, adoptar para com eles uma calorosa atitude de camaradagem e orientar-lhes a iniciativa para a grande causa da resistência ao Japão e reconstrução do país.

Há que saber julgar os quadros. Não se deve apreciá-los apenas por um certo momento ou facto isolado da sua vida, mas sim julgá-los por todo o seu passado e todo o seu trabalho. Tal é o método principal de julgar os quadros.

## Responsabilidades dos dirigentes

É preciso saber utilizar os quadros. Resumindo, ser dirigente envolve duas responsabilidades principais: formular ideias e empregar os quadros. Elaborar planos, tomar decisões, emitir ordens, traçar directivas, etc., tudo isso entra na categoria de «formular ideias». Para pormos as ideias em prática temos de unir os quadros e incitá-los à acção. A isso se chama «empregar os quadros». Ao longo da história da nossa nação houve sempre duas linhas opostas a esse respeito: «nomeações segundo as qualidades individuais» e «nomeações segundo as amizades pessoais». A primeira, honesta, a segunda desonesta. O critério que o Partido Comunista deve aplicar na sua política de quadros consiste em ver se um quadro é ou não resoluto na execução da linha do Partido, se observa ou não a disciplina, se está ou não estreitamente ligado às mas-

sas, se é ou não capaz de orientar-se por si próprio no trabalho, se é ou não activo, tenaz e desinteressado. Tal é a política de «nomeações segundo as qualidades individuais». A política de quadros de Tcham Cuo-tao era contrária a isso. Procedendo a «nomeações segundo as amizades pessoais», ele rodeava-se de homens seus para constituir uma pequena facção, a tal ponto que acabou por trair o Partido e desertar. Essa é uma séria lição. Instruídos por esse facto, e por lições similares que a História nos oferece, recai sobre o Comité Central e dirigentes de todos os escalões a pesada responsabilidade de, em matéria de política de quadros, procederem sempre com imparcialidade e honestidade e rejeitarem toda a parcialidade e desonestidade, de modo a reforçar-se a unidade e coesão do Partido.

## Trabalho com os quadros

É preciso saber cuidar dos quadros. Eis o método:

Primeiro, dar-lhes uma orientação. Isso significa deixá-los trabalhar com liberdade para que tenham coragem de assumir responsabilidades, e, ao mesmo tempo, dar-lhes oportunamente instruções, de modo que, guiados pela linha política do Partido, sejam capazes de por plenamente em jogo o seu espírito criador.

Segundo, elevar-lhes o nível. Isso significa dar-lhes possibilidades de estudo, educá-los a fim de que elevem os seus conhecimentos teóricos e aumentem a sua capacidade de trabalho.

Terceiro, verificar-lhes o trabalho e ajudá-los a fazer o balanço das próprias experiências, a multiplicar os êxitos e corrigir os erros. Confiar-lhes trabalho e não controlar a respectiva execução, dispensando-se-lhes atenção apenas quando são cometi-

dos erros graves, não pode constituir um método de cuidar dos quadros.

Quarto, relativamente aos quadros que cometeram erros, devemos usar em geral o método de persuasão e ajudá-los a corrigir os erros. O método de luta deve adoptar-se apenas com relação àqueles que cometerem graves erros e se recusam a obedecer às instruções. E a paciência é necessária. É erróneo classificar levianamente as pessoas de «oportunistas» ou passar levianamente a «travar lutas» contra elas.

Quinto, atender às suas dificuldades. Quando os quadros tem dificuldades, em resultado de doenças, problemas materiais, preocupações de ordem familiar ou de qualquer outra ordem, devemos assegurar-lhes tanto quanto possível uma ajuda.

Tal é o método de cuidar dos quadros.

## Democracia no partido

Na grande luta actual, o Partido Comunista da China exige que todos os seus órgãos dirigentes, todos os seus membros e quadros desenvolvam ao máximo a iniciativa própria, pois só assim se tornará possível a vitória. Concretamente, essa iniciativa há-de manifestar-se em actividade criadora dos órgãos dirigentes, quadros e membros do Partido, em espírito de responsabilidade, em ardor no trabalho, audácia e capacidade de levantar problemas, expressar opiniões próprias, criticar falhas, e em controlo, exercido com toda a camaradagem, sobre os órgãos e quadros dirigentes. De outro modo a palavra iniciativa não tem sentido. O desenvolvimento dessa iniciativa, porém, depende do grau de democracia existente na vida do Partido. Em caso nenhum a iniciativa poderia desenvolver-se sem uma suficiente democracia na vida do Partido. A formação de grande número de homens capazes só é possível em ambiente democrático. No nosso país predomina o sistema patriarcal próprio da pequena produção e, além disso, ainda não existe vida democrática em escala nacional. Isso reflecte-se no Partido sob a forma de uma vida democrática insuficiente, impedindo-o de desdobrar de todo a iniciativa e dando igualmente lugar a uma democracia insuficiente no seio da Frente Única (1) e nos movimentos de massas. E por isso que o Partido deve

educar os seus membros em matéria de democracia, a fim de que compreendam o que é a vida democrática, a relação existente entre a democracia e o centralismo e como se pratica o centralismo democrático. Só assim poderemos ampliar efectivamente a democracia na vida do Partido, evitando simultaneamente o ultrademocratismo e esse deixa-andar que viola a disciplina.

Aliás, há que desenvolver na medida necessária a vida democrática das organizações do Partido no nosso exército, para estimular a iniciativa dos membros do Partido e aumentar a capacidade de combate das tropas. Mas a democracia nessas organizações deve ser menos extensa que nas organizações locais do Partido. Numas como noutras, a democracia no seio do Partido deve servir para reforçar a disciplina e a capacidade de combate, e não para enfraquece-las.

Essa extensão da democracia deve ser considerada uma medida indispensável para consolidar e desenvolver o Partido, uma arma importante que lhe permitirá ser activo e vigoroso na sua luta colossal, estar à altura das tarefas, criar novas forças e sair-se bem na prova da guerra.

(1) NOTA DA REDACÇÃO: Tratava-se da Frente que, englobando diversas organizações partidárias, combatia o invasor japonês.

# COMUNICADOS SAÍDOS NAS UNIDADES

## OS SUV. E AS PRESIDENCIAIS

Dos camaradas de unidades militares, recebemos, com pedido de publicação, um comunicado dos SUV «OS SOLDADOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA».

O comunicado começa por historiar a luta desde 25 de Abril:

O 7 de Fevereiro de 1975 em que «os soldados são enviados para a rua como foram outras vezes com ordem para reprimir a grandiosa manifestação unitária, contra o imperialismo e o capitalismo. Foi também neste dia, e também pela primeira vez que os soldados se recusaram a reprimir os trabalhadores e com eles gritaram as mesmas palavras de ordem. A partir — desse dia a burguesia apercebeu-se daquilo que se estava a passar no Exército. Nós soldados, a pouco e pouco tomávamos consciência da nossa condição de explorados, e começávamos a compreender que o nosso lugar era ao lado dos nossos irmãos trabalhadores».

O 11 de Março pelo qual «a burguesia tentou recuperar aquilo que os trabalhadores e nós soldados tão duramente na luta fomos conquistando. Derrotando a burguesia criámos as condições que permitiram o avanço da nossa consciencialização e a necessidade sentida de nos organizarmos. Assim, a partir desta altura, começava-se uma nova vida dentro dos quartéis, com refeitórios comuns, liberdade de reunião, liberdade de discussão e organização. Quando o projecto de aliança Povo/MFA foi aprovado na Assembleia do MFA, já o Copcon nos tinha dado uma lição de como na prática se faz a união entre os trabalhadores, soldados, oficiais e sargentos progressistas, ajudando os trabalhadores nas ocupações de terras, nas ocupações de casas, nas empresas ocupadas, etc.

Isto quer dizer que as unidades do Copcon e o seu comandante Otelo Saraiva de Carvalho estavam como um soldado ao lado dos trabalhadores».

A ofensiva da burguesia em que «os partidos fascistas, sociais-democratas e reformistas, faziam coro para manipular as massas contra aquilo a

que eles chamavam, a anarquia, a suvalhada e o Copcon. E os seus esforços não foram em vão, pois em 25 de Novembro, com a cumplicidade dos reformistas no seio dos trabalhadores, instrumentalizando os «nove» no seio das F.A., a direita fascista fazia um golpe reaccionário cujo objectivo era acabar com as liberdades e a nossa organização dentro dos quartéis».

As eleições presidenciais são mais importantes do que as outras pelo que elas significam, para os soldados como para os trabalhadores, Otelo é «o homem capaz de defender os nossos interesses. Nós apoiámos Otelo, não pelos seus lindos olhos, mas sim por aquilo que ele defende e pela prática que teve como comandante do Copcon até ao 25 de Novembro. É, pois, camaradas, pela liberdade de discussão e reunião, pela nossa organização, pelas saídas à civil, pelo rancho comum e pela expulsão dos reaccionários de dentro dos quartéis. É por isso que nós devemos dar o nosso apoio à candidatura revolucionária do major Otelo.

Camaradas, o fascista CARA DE PAU Eanes o que defende? Defende aquilo que nos tem dado: mercenários, comandos fascistas, proibição de saída à civil, proibição de reunião, proibição de nos organizarmos, divisão de meses, fim-de-semana mais curto e a polícia de choque, PSP e GNR para reprimir os trabalhadores.

Camaradas, pelo que foi o Copcon e Otelo. Pelo que é o CARA DE PAU Eanes e o seu Exército é que nós damos todo o apoio à candidatura revolucionária de Otelo.

Camaradas, tal como os nossos pais, os nossos irmãos e todos os trabalhadores que nas fábricas e nos campos levantam um forte movimento de apoio à candidatura do major Otelo, nós nos quartéis devemos organizar-nos para o apoio à candidatura de Otelo.

## SUV — E PAM

Vasco Lourenço foi à EPAM (Escola Prática de Administração Militar) fazer mais um discurso aos soldados. O seu discurso foi o que veio na imprensa burguesa. Na imprensa revolucionária vem a resposta dos soldados, dos trabalhadores fardados. De camaradas recebemos, com pedido de publicação, o comunicado do núcleo SUV da EPAM «AOS SOLDADOS DA EPAM».

Os soldados SUV da EPAM alertam os seus camaradas para não se deixarem iludir por a repressão na sua unidade não ser muito intensa porque, «nós estamos debaixo de um poder militar com tradições, mas que está cada vez mais próximo de ser um poder fascista».

Para os camaradas soldados é cada vez mais clara a diferença entre a situação de antes do 25 de Novembro e a de depois. Para o senhor brigadeiro Vasco Lourenço, esta é a melhor situação, para os soldados, é cada vez maior a repressão.

Em resposta a um camarada que perguntou ao senhor brigadeiro porque haviam sido proibidos os plenários de soldados, a seguir ao 25 de Novembro, este responde dizendo que, os plenários não nos levam a nada, e que até nos tinham prejudicado, e que era a prática que interessava e não os plenários. Pois é — senhor brigadeiro! Bão esperávamos outra resposta da sua parte. Você não fala tanto de classes desfavorecidas e na democracia. Não aceita a democracia dos filhos dessas classes dentro dos quartéis pois, para si, «democracia» quer dizer ditadura dos capitalistas sobre os trabalhadores.

É assim que o senhor brigadeiro passa a vida a tentar confundir a luta dos soldados e a sua organização clandestina, com «manobras partidárias», já não considerando, como tal, a propaganda CDS e PPD que muitos oficiais fazem dentro das unidades. Não, isso já é apartidarismo, quer dizer, partidarismo de direita.

Na continuação da sua «conversa familiar», o sr. brigadeiro disse (uma tirada de grande estilo) que os SUV «não eram mais que bandos de

indisciplinados», que só tinham ajudado a destruir o exército. Pois não, senhor brigadeiro! Os SUV, como frente revolucionária de soldados que são, não aceitam a «disciplina» militarista de que o senhor tanto gosta, pois lutam por um exército revolucionário em que a disciplina seja aceite e imposta por todos — trabalhadores e soldados — e não por meia dúzia de oficiais generais ao serviço da burguesia. Mas, como alguém disse ao senhor Vasco Lourenço, não foram os SUV que dinamitaram a Rádio Renascença nem reprimiram os Deficientes das Forças Armadas. Foram os amigos do Senhor Vasco Lourenço, no Conselho da Revolução».

As posições do senhor Vasco Lourenço são as posições da burguesia, são a defesa do capitalismo, do militarismo. É por isso que ele vai defender um candidato e os soldados outro, porque estes lutam contra a repressão, contra o capitalismo, pelo Poder Popular.

É por isso que o comunicado afirma:

«... não nos espanta que o voto de Vasco Lourenço vá para o general «Cara de Pau», pois é o escolhido pela classe dos patrões e é natural que Vasco Lourenço o apoie. Nós, soldados, sabemos que só poderemos apoiar um candidato que defenda os nossos interesses de classe, que defenda o Poder Popular e que tenha dado provas de que está intransigentemente ao lado do Povo, Otelo Saraiva de Carvalho pode ser esse homem, que foi, assim como outros oficiais revolucionários, mandado prender por Vasco Lourenço, Ramalho Eanes e C.ª».

## RAL — LEIRIA

### Camaradas

As poucas liberdades que tinhamos no RAL, depois do golpe de direita do 25 de Novembro, vão ser postas em causa, pela saída do nosso comandante, que embora não estivesse pela nossa justa causa, nos dava o mínimo de liberdades.

O novo comandante, que todos nós conhecemos, pela sua prática fascista, desde a agressão a camaradas nossos até à tentativa de provocar a nossa divisão.

### Atenção camaradas ele não está só

Toda a canalha fascista e reaccionária de outros militares, que se encontram entre nós no RAL estão com ele.

O capitão fascista Bação, ao afirmar na paráda que nós precisávamos era de um Pinochet, esta é a prova mais que suficiente de que a repressão cairá sobre nós, quando menos esperarmos.

### Camaradas!

Só unidos e organizados poderemos fazer frente a esta canalha fascista e reaccionária, que nos reprime todos os dias e que estará sempre pronta a lançar-nos contra os nossos irmãos de classe, os camaradas trabalhadores das fábricas e dos campos.

### Camaradas!

A qualquer tentativa de nos mandarem reprimir os nossos irmãos trabalhadores, devemos dizer NÃO!

A nossa luta é a mesma, é a causa de todos os oprimidos e explorados. — Pela democracia nos quartéis! — Reaccionários fora dos quartéis! — Soldados sempre, sempre ao lado do povo! — Operários camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos!

Soldados em luta/do RAL — Leiria, 12/5/76

## SUV — FUZILEIROS

Os oficiais burgueses tentam impor a sua disciplina militarista. É os cortes de cabelos, é as não saídas à civil, é a má alimentação, é o clima de denúncia, são as praxes militaristas é a tentativa de isolamento dos soldados dos seus irmãos de classe — os trabalhadores.

De camaradas soldados, recebemos com pedido de publicação, um comunicado do núcleo SUV da Força de Fuzileiros, em que é denunciada a organização que os oficiais burgueses pretendem impor, após o 25 de Novembro.

A luta dos soldados é a luta dos trabalhadores e por isso a imprensa revolucionária deve divulgá-las para o reforço da unidade revolucionária da luta contra o fascismo, contra o capitalismo.

«Na passada 5.ª-feira, dia 6, a bica foi aumentada para 1\$00, foi-nos dito para 1\$50. Há tempos quando esta foi aumentada para 1\$00, foi-nos dito que os dez tostões eram para melhorar o rancho, ora isso não aconteceu, pelo contrário.

«Acontece que no tempo do ten. Teixeira Rodrigues, não pagávamos a

bica, já que esta estava integrada nas refeições, que eram de boa qualidade e em quantidade suficiente para repetir-se quando se desejasse.

«Que acontece agora?

«Precisamente o contrário! E porque?

e a actualidade nacional

# O OTELO QUE ZENHA "PENSOU"...

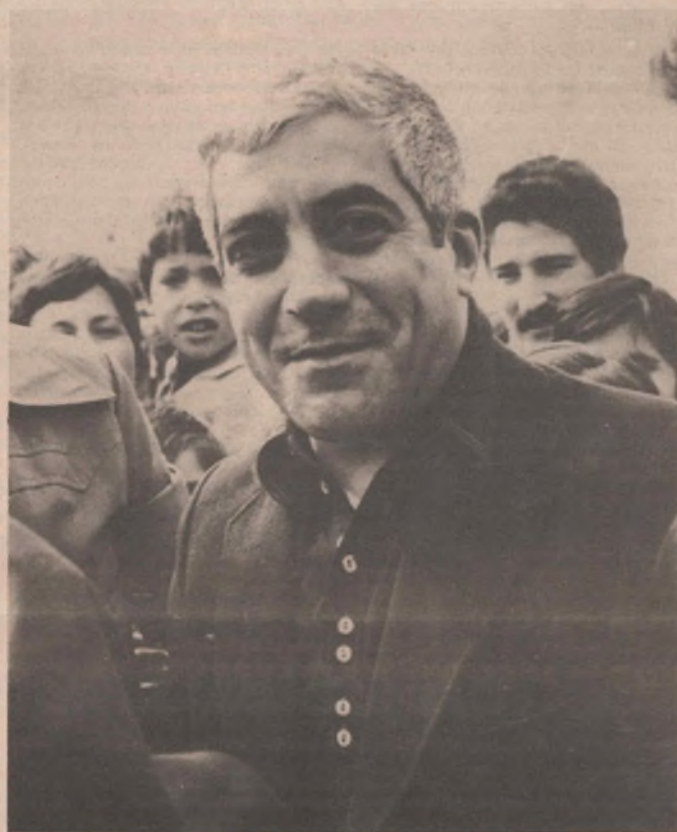
Em entrevista recente a um vespertino, o ministro Salgado Zenha falou do major Otel Saraiva de Carvalho, referindo-se-lhe como «um adolescente imaturo». Assim como um provinciano da política em queda temporária, retratado por um político cidadão em ascensão pessoal e partidário. Análise isenta de surpresas para quem como nós, sempre nos habituámos a ve-las utilizando estratégias e perseguindo objectivos profundamente distintos. Salgado Zenha, dos anos 70 e 71, em colóquios realizados na Cooperativa de Estudos e Documentação (forja do que viria a ser a futura cúpula do Partido Socialista), em que eram oradores todos os sábados, entre outros, nomes então praticamente desconhecidos do grande público, como Marcelo Curto, Pedro Coelho, Mário Sottomayor Cardia, Jaime Gama, Magalhães Godinho. Um Salgado Zenha que sempre vimos fluente e receptivo quando na assistência imperavam os literatos e intelectuais, e frio e distante, nos raros momentos, em que era obrigado a estabelecer diálogo com alguns operários que ali acorriam.

Otel Saraiva de Carvalho, de dialéctica directa e improvisada, sempre mais à vontade frente às massas populares do que perante auditórios sofisticados. E já assim era no tempo em que com ele contactámos no Quiende, acampamento militar isolado no Norte de Angola. Onde os praças e os habitantes das sanzalas vizinhas constituíam os seus interlocutores dilectos.

Um Otel entre cerca de oitenta mil rurais, que a Beja se deslocaram para com ele confraternizarem, na maior concentração de camponeses jamais vista em terras alentejanas. Num contacto sadio e informal, em que, o então general, usou como é seu timbre uma linguagem sem arabescos nem contexturas complicadas.

Dóis homens, duas formas distintas de fazer política. Um, patrono de Champalimaud, num célebre pleito ocorrido durante os últimos anos do mandato de Marcelo. Outro, defensor do poder popular, primeiro passo para a instauração dos tribunais populares. O militar que «existiu» numa fase do processo em que Silva Cunha, Moreira Baptista, Tenreiro, Kaulza de Arriaga e Arnaldo Schultz, recolheram às prisões. E o jurista (embora a sobraçaram uma pasta de Economia) de um momento em que estes destacados baluartes da ditadura fascista recuperaram a liberdade. O «provinciano da política» e o «político cidadão». A política das visceras e a dos cálculos computados.

Por quem optar, em termos revolucionários (claro)? Pela nossa parte já o fizemos há muito. Pese embora as nossas divergências — de forma que não de conteúdo — em relação ao programa do 25 de Abril, apologista que somos, em prática política, do princípio «agir primeiro e falar depois», raramente observado pelo ex-general enquanto comandante do COPCON.



## SUV — FUZILEIROS

Continuação da pág. 11

«Pela simples razão de que quem neste momento está à frente da mesa é o sr tenente Carvalho, que nem de perto nem de longe defende os nossos interesses, pelo contrário, a alimentação é de uma qualidade inferior e em menor quantidade, quanto à fruta, esta é péssima.

«Aliás camaradas ainda na passada 5.ª-feira, dia 6, cerca de 20 camaradas nossos que saíram de serviço do Estado-Maior mais tarde, quando iam jantar, o senhor tenente Carvalho, diz que já não havia. Por ventura não teriam direito a comer como os outros, ou era para economizar?

«Não tenhamos dúvidas se pudessem até nos tiravam a regalia de comerem todos em conjunto. Um exemplo de que este senhor não zela pelos nossos interesses, é demonstrativa nas refeições do almoço e do jantar, a primeira é sempre melhor, claro comem lá os senhores oficiais e sargentos, o que não acontece ao jantar que são sempre as praças.

«Camaradas, assistimos dia a dia à redução dos nossos privilégios a que temos direito como qualquer pessoa. Já começaram com a alimentação, que se seguirá?

«É claro que se nós assistirmos a estas medidas sem nada fazermos, é claro que as medidas fascizantes começaram a ser postas em prática e cada vez piores. Por isso camaradas temos de dizer não a todas e quais-

quer formas de exploração..., senão vejamos a circular afixada nas cobertas e vejamos o seu conteúdo, onde podemos ler determinações nitidamente fascistas como antes do 25 de Abril.

«E porque acontece tudo isto? «É porque os fascistas após o 25 de Novembro assaltaram os centros do poder dentro das unidades e comandos, desde o fascista do chefe do Estado-Maior — Souto Cruz, até à raia mais pequena espalhada pelas unidades.

«E nós, sabemos quem eles são e por isso não podemos permitir que esses fascistas nos voltem a reprimir como noutros tempos. Mas para que haja efectivamente uma oposição à repressão, é necessário unirmo-nos e organizarmo-nos dentro dos quartéis.

«Camaradas, é extremamente importante discutirmos entre nós o que se passa neste País, conhecermos as lutas nas outras unidades, assim como nas fábricas e conhecermos as medidas altamente fascistas como prisões de camaradas nossos sem razão nenhuma e outros pela simples suspeita de distribuição de panfletos nos quartéis. É esta a nova democracia? Claro democrática para eles mas repressiva para todos os soldados.

«Camarada, organiza-te no núcleo SUV para que este se fortifique cada vez mais e para que sejamos efectivamente uma organização capaz de se opor aos fascistas e reaccionários dentro dos quartéis.

## O ALVO E O PRETEXTO

Um homem, um simples homem — que por sinal até é um homem simples — tem vindo a ser objecto de uma ofensiva que, através dos ataques a esse homem, tenta, ludibriando e confundindo, destruir e liquidar um Projecto, uma Ideia.

Um homem que personifica, caracteriza, cristaliza e se confunde — quase que involuntariamente — com a vontade, a firmeza e a determinação consciente de alguns, de muitos, de tantos...

Um homem que em si não é nada — o homem, no individual, não é nada, os homens no colectivo, são tudo... — mas que traduz, neste momento, a luta de um processo que aposta em não se deixar liquidar, nem submerger.

Um homem que recebeu — sem o mendigar! — um grande e enorme tesouro. O maior e o mais digno que um homem possa receber: A con-

fiança popular!

Um homem contra quem se desencadeiam e abatem forças cujas intenções não são outras que a liquidação e o desmantelamento do Projecto e da Ideia.

Os ataques ao homem são pretextos, porque sem o Projecto e a Ideia é simples e fácil a liquidação do Homem.

O Alvo é outro, não és tu Otel Saraiva de Carvalho!

No entanto, enquanto o Alvo tiver nas suas fileiras «pretextos» como tu e, pela frente, ofensivas como as «deles», poderá mobilizar-se e unir-se — tarefa urgente! — para a batalha dos homens pelo Projecto, pela Ideia e... pelos homens.

Aguenta Otel, aguenta! Com «pretextos» e com o «Alvo» — o que implica Unidade... — edificaremos o Projecto, fotaleceremos a Ideia e... Venceremos!



## Entrecampos

# Despejos, porrada e prisões

Os despejos continuam. Os trabalhadores resistem e o poder aumenta a sua força repressiva para assim conseguir o que quer.

Em Entrecampos, uma família ocupou uma casa em Abril do ano passado, depois de ter sido vitimada pelo incendio da Curraleira (Março de 75).

Tentativas com o senhorio, para fazer o contrato de arrendamento, a nada levarem. Ele acaba por por um processo no tribunal, contra os ocupantes.

A casa é reocupada, nova investida da Policia e prisão dos ocupantes. Porém, terça-feira, a casa foi novamente ocupada pelas comissoes de moradores a fim de a entregarem aos moradores.

A Policia de Choque, em quatro carrinhas, desalojou e prendeu...

Várias centenas de trabalhadores mobilizaram-se, na Rua de Entrecampos, contra a Policia que «guardava cuidadosamente a casa». Entre os trabalhadores, estavam os moradores ocupantes, que nos contaram como o processo se tem desenrolado.

«Na sexta-feira, 24 de Abril, o meu marido foi chamado à esquadra. Como ele tinha ido trabalhar, fui lá eu. Foi aí que eu soube que eles me iam desalojar. Ainda disse que estava legalizada pela Camara, por causa do fogo. Os contratos, nunca os fizemos porque o senhorio sempre se negou a fazê-los e, dizia ele, que a casa dos salteadores era na rua...

As 15,30, a Policia de Choque (os mesmos de hoje) apareceu. Eu estava sozinha com os meus filhos. Deram-me ordem para abrir a porta. Eu, como não estava habituada a isto, abri. Claro que me agarraram logo. Eu não queria sair. O sargento da brigada disse que eu saia e voltava a sair, e desatou à porrada a mim.

O meu cachopo, que tem 7 anos, começou a gritar e a não querer sair,

e o sargento agarrou-o pela camisa e atirou-o pela escada abaixo. O senhorio, logo de seguida, entrou e destruiu tudo o que pode. À noite, a Policia foi-se embora e nós voltámos a entrar.

Passados 8 dias, vieram cá duas carrinhas da Policia e lavaram o meu marido preso. À tarde, vieram outras duas para me levarem a mim.

Houve resistencia do povo e eu não abri a porta, e eles acabaram por se ir embora.

O meu marido foi libertado, ao fim de oito dias, em liberdade vigiada.

Há oito dias, eram 6,30 da manhã, estava o meu marido a chegar do trabalho e eu a levantar-me para ir trabalhar, aparece outra vez a Policia e fomos os dois presos. No outro dia,

o senhorio veio cá e levou tudo o que cá estava em casa. Já tentámos recuperar as coisas, mas elas estão em nome do senhorio e nós estamos só com a roupa que temos no corpo.

Depois de algumas reuniões, a comissão de moradores resolveu ocupar a casa esta noite. A Policia apareceu, bateu em toda a gente e levou-os presos.»

## NEVOGILDE

# CAIXA DE PREVIDÊNCIA PRETENDE DESPEJO DE MORADORES OCUPANTES

A Comissão Revolucionária de Moradores de Nevogilde, emitiu um comunicado no qual denuncia que a Comissão Administrativa da Caixa de Previdencia pretende despejar 6 famílias que ocuparam um prédio pertencente àquela instituição.

O prédio estava abandonado à cerca de tres anos, a inda tinha lá dentro chapas de radiografia, um aparelho de radiografia, um aparelho de radioescopia e outras coisas no género, completamente abandonadas.

Desde logo, que os ocupantes tentaram pagar o aluguer, entrando em contacto com a Caixa de Previdencia, mas estes sempre se recusaram e entravaram.

Esta revoltante situação motivou o comunicado que a certa altura diz:

«Se o proprietário é a Caixa de Previdencia, e a Caixa é dos trabalhadores, será que fomos nós, trabalhado-

res, a por na rua os trabalhadores ocupantes?»

Não, CAMARADAS! A ordem de despejo vem de quem nunca nada fez, a burguesia! Não lhes chega explorar-nos nas fábricas e nos campos, como também nos quer explorar naquilo que é nosso como é a Caixa de Previdencia!

Mas a Comissão Administrativa da Caixa de Previdencia, que foi posta lá por quem nunca descontou um tostão sequer, vem agora dizer que quer demolir o prédio, para instalar um novo posto médico.

Então, a Caixa diz que não tem dinheiro para pagar a tempo o abono de familia, nas baixas não nos dão aquilo a que temos direito, não falando nas miseráveis reformas que temos, quando nos faltam as forças e não podemos dar de comer a essa camada de parasitas, a burguesia!

Pois para isto a Caixa diz que não tem dinheiro, mas tem (?) para demolir um prédio que está ocupado e fazer um novo!

Mas, camaradas, esta jogada fascista do actual poder, não visa só por na rua os 15 adultos e as 15 crianças (8 famílias) que vivem neste prédio.

O actual poder visa também destruir a organização revolucionária dos trabalhadores, que é a Comissão de Moradores, cuja sede está instalada nesse prédio e, automaticamente, destruir a justa luta dos trabalhadores pelo direito à habitação.»

A Comissão Revolucionária de Moradores, termina o seu comunicado apelando à unidade e organização dos moradores, em volta da sua comissão para que possam destruir todas as injustiças e levar para a frente a luta por uma habitação digna.

## internacional

# O CAPITALISMO BRASILEIRO E A DEPENDÊNCIA DO IMPERIALISMO

A ditadura militar que ocupou o poder em 1964 no Brasil desenvolve até hoje uma repressão brutal contra o proletariado e os revolucionários que buscam por todos os meios libertarem-se da exploração, miséria e opressão em que se encontra o povo brasileiro.

No Brasil encontram-se presos, actualmente, mais de 3000 democratas e revolucionários em péssimas condições carcerárias e sujeitos a todas as arbitrariedades policiais, desde a tortura ao «desaparecimento». Todos aqueles que desenvolvem a luta revolucionária nas duras condições de clandestinidade ou mesmo os que por vezes denunciam a ditadura são atingidos sem nenhuma condição de se defenderem da prisão, da tortura e da morte.

O proletariado brasileiro não possui o direito de reunião, manifestação e de se organizar autonomamente. Os sindicatos estão completamente controlados pela ditadura militar; nas fábricas os operários, quando expressam as suas reivindicações, são logo carregados pelas forças policiais.

No campo predomina a mais negra miséria do povo brasileiro. Os pequenos camponeses e os posseiros (ocupantes) são expulsos das terras pelas forças militares ao serviço dos latifundiários e do empresariado nacional e internacional.

Uma pesquisa nacional realizada no 4.º trimestre de 1972 afirma que 45 por cento dos entrevistados recebia menos que um salário mínimo e que 32 por cento dos assalariados estavam colocados na faixa entre um e dois salários mínimos.

Na agricultura onze milhões e quatrocentos mil trabalhadores lutam para receber o salário mínimo, pois vivem numa situação de pauperização completa e forçados a jornadas semanais de trabalho com elevado número de horas. A causa principal reside na arcaica estrutura e sistemática concentração da terra. A terra está concentrada em poucas mãos e em parte nas mãos do capital internacional. Somente o multimilionário americano Luddwig possui mais de 500 mil hectares de terras brasileiras no Amazonas.

O imperialismo, após 1964, encontrou as suas garras no Brasil, através da instauração de uma ditadura militar reaccionária que serve de instrumento repressivo do capital nacional e dos investidores internacionais. O índice de crescimento no Brasil atin-

giu entre 1969 e 1974 uma taxa de 10 por cento ao ano, à custa da exploração e opressão do proletariado. Esta foi a única condição do êxito do capitalismo brasileiro, sendo necessário para isso o endividamento externo, a repressão brutal e o assassinato de centenas de revolucionários.

Os investimentos no Brasil dos países imperialistas atinge proporções jamais vistas na sua história. Os Estados Unidos detêm a maior parte da fatia com 36 por cento do investimento total, seguido da Alemanha Federal 11 por cento, Canadá 10 por cento, França 5 por cento.

A dívida externa do Brasil eleva-se a mais de 22 bilhões de dólares e o «déficit» da Balança Comercial atingiu 726 milhões de dólares nos dois primeiros meses de 1976, quando o Governo previa oficialmente um «déficit» de 800 milhões de dólares para todo o ano de 1976. A taxa de inflação, somente no primeiro bimestre deste ano, atingiu 9,6 por cento, de acordo com as fontes oficiais.

O salário mínimo recentemente aumentado em 44,19 por cento, não chega a atingir 2600 escudos.

## O «ENTREGUISMO» DOS GENERAIS BRASILEIROS

Em vista desta crise, a ditadura

militar brasileira procura renegociar a sua dívida externa e criar uma imagem de país «emergente» e onde «não existem conflitos sociais e políticos». Esta imagem é projectada no único sentido de garantir os investimentos estrangeiros e garantir empréstimos para o Governo brasileiro.

A recente viagem do general Geisel a França e a Inglaterra foi rodeada de protestos dos mais amplos sectores progressistas e revolucionários. Os partidos progressistas, as centrais sindicais, sectores da Igreja e os Comités pró-Amnistia no Brasil desenvolveram uma larga campanha no sentido de desmascarar a ditadura militarista e denunciar o concluído internacional ao qual está entregue de mãos amarradas o proletariado brasileiro, sujeito a duras condições de existência e a repressão brutal.

É neste clima de oposição política ao Governo brasileiro que o Governo francês fez negociações à volta de 2,5 bilhões de dólares. Esta é uma das maiores negociações realizadas pela França de país para país, com excepção do Irão. A França prevê ainda mais um financiamento de 600 milhões de dólares para a construção de uma hidroeléctrica no Brasil.

Na Inglaterra, apesar dos protestos levantados pelo Partido Trabalhista, do qual mais de 50 deputados dos Comuns assinaram uma moção de protesto contra a visita do general e exigiram uma comissão de inquérito independente para investigar a situação dos presos políticos, a ditadura militar desenvolveu «fortes» negociações com os banqueiros internacionais e com o Governo inglês.

Um contrato entre a «Barrigg Brothers» e a Siderbrás no valor de 100 milhões de dólares com um prazo de 15 anos e envolvendo as três maiores siderurgias brasileiras (a Siderurgica Nacional, a Siderurgica Paulista e a Siderurgica de Minas Gerais) foi realizado no sentido da compra de fábricas

e equipamentos da Grã-Bretanha. Um empréstimo financeiro na área do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDE) envolveu a soma de 40 milhões de dólares para aplicação no sector de bancos brasileiros.

Um projecto da Aço Minas no valor de 1 bilhão de dólares foi concluído com um prazo de 3 anos de pagamento e juro de 9 por cento; quando a dívida começar a ser amortizada a produção de aço deverá atingir cerca de 2 milhões de toneladas.

No sector petrolífero, desde que o Brasil terminou com o monopólio do Estado para a prospecção, os ingleses colocaram a «sua máquina à disposição». Assim a British Petroleum e a Shell fornecerão tecnologia britânica para a construção de plataformas de prospecção na plataforma submarina em virtude da «experiência» britânica no Mar do Norte.

Por outro lado, o Brasil mostrou-se interessado na compra de fragatas, 3 submarinos e 9 helicópteros, e conquistar um mercado para exportação de mais de 350 milhões de libras.

O resultado da visita da ditadura militar brasileira à Europa foi o «entreguismo» e a tentativa de reequilibrar e salvar o capitalismo agonizante.

## A RESISTÊNCIA E A REPRESSÃO

A ditadura militar busca, por todos os meios, desenvolver relações privilegiadas com países como a França, do qual o Brasil, na América Latina, é o país que detém maiores investimentos ao mesmo tempo em que intensifica a repressão, sobretudo a partir do segundo semestre de 1975.

A repressão é seguida pelo assassinato de um jornalista e de um operário metalúrgico nas prisões brasileiras e caracterizados oficialmente como «suicídio».

O descontentamento popular assume uma maior dinâmica nos últimos tempos, tanto que a ditadura teve que



## internacional



recorrer por várias vezes aos «Actos Institucionais» para «caçar» os mandatos políticos de 5 deputados da oposição burguesa, que protestaram contra «ditadura» e a «tortura», «a falta de liberdades democráticas» e a «condição de miséria e exploração em que vive o povo brasileiro».

O movimento pela amnistia irrestrita dos presos políticos brasileiros e a luta pelas liberdades democráticas no Brasil, assume uma importância bastante grande para o futuro do movimento revolucionário. A denúncia do carácter «entreguista» da ditadura brasileira e fiel defensora dos interesses capitalistas no Brasil passa actualmente por um amplo movimento que seja capaz de partir das reivindicações mais gerais, económicas, políticas, etc., que isolem a ditadura no terreno nacional e internacional. A necessidade de uma vanguarda revolucionária que dinamize esta luta contra a ditadura e o capitalismo brasileiro faz-se sentir cada vez mais, na medida em

que a «oposição democrática» é incapaz de desenvolver lutas significativas e consequentes contra a ditadura militar e em que existem partidos extremamente debilitados e isolados das massas que ainda repetem velhas fórmulas «antifascistas» e de «democracia nacional» separadas de uma mais consequente luta contra o capitalismo nacional e internacional.

Este é o caso do PC brasileiro que recentemente visitou Lisboa propondo «amplas frentes» que incluem os «ven-de pátrias» do Partido do Governo (Arena) além de já incluir sectores reaccionários que se encontram albergados na oposição burguesa (MDB). Esta política da «pura oposição à ditadura» sem desenvolver um movimento anticapitalista na classe operária e seus aliados é seguida pelo revisionismo internacional que «tacticamente» pretende lutar pelas «liberdades democráticas», «garantias económicas», «eleições democráticas», etc., colocando mecanicamente a luta anticapitalista e o desenvolvimento de uma alternativa revolucionária autónoma.

#### SOLIDARIEDADE COM OS REVOLUCIONÁRIOS BRASILEIROS

Para os revolucionários brasileiros a luta pelas liberdades democráticas

e pelas reivindicações económicas e políticas da classe operária está ligada à criação de organizações autónomas da classe, à luta contra a dominação burguesa, seja ela em forma de «ditadura» ou «democracia burguesa» no sentido de libertar a classe operária da exploração nacional e internacional. A luta pelas «liberdades democráticas», pela «amnistia dos presos políticos» deverá inevitavelmente passar pela movimentação da classe operária e seus aliados, pela sua organização e por uma alternativa verdadeiramente proletária que desenvolva formas políticas de organização para a conquista do poder político e a instauração de um poder proletário.

É também necessário para os revolucionários brasileiros uma ampla solidariedade internacional para com as lutas que desenvolve o proletariado. O isolamento da ditadura militar defensora do capitalismo nacional e internacional e do expansionismo na América Latina é uma condição indispensável para o trabalho revolucionário no interior do Brasil, no sentido de impedir que a ditadura assassine e torce os revolucionários que lutam contra a dominação de classe, no sentido de fortalecer solidariamente o movimento revolucionário brasileiro numa perspectiva proletária.

#### ARGENTINA

## Apesar dos números oficiais aumenta a luta de guerrilhas

A ditadura militar argentina, desenvolve fortes operações no sentido de massacrar a resistência revolucionária armada que assume proporções elevadas no país e, ao mesmo tempo, tenta dar uma imagem negativa do desenvolvimento das forças revolucionárias e organização do proletariado.

É assim que fontes oficiais declaram que, desde 1973, foram mortos 4000 guerrilheiros e três mil encontram-se actualmente prisioneiros. Apesar destes números fornecidos pela ditadura que se instalou no Poder a 24 de Março, a guerrilha continua de

forma crescente, sobretudo na região montanhosa de Tucumán.

O Exército Revolucionário do Povo, desde Julho de 1975, adoptou uma resolução, de considerar como regiões estratégicas as grandes cidades como Buenos Aires, Rosário, Córdoba, etc., as zonas rurais de Tucumán e as províncias do Norte, favoráveis à guerrilha rural. É de recordar que a Força Aérea da ditadura militar bombardeou, várias vezes, a região guerrilheira dado o facto de lhe ser impossível uma penetração até aos pontos importantes com tropas do Exército.

#### COLUNA INTERNACIONAL

● Panamá é o 101.º país a reconhecer a República Popular de Angola. O general Torrijos declarou que o «Povo e o Governo do Panamá exprimem os seus votos pela prosperidade do povo amigo da RPA».

● Devido às pressões do imperialismo americano foi adiado «para mais tarde» o exame da candidatura da República Popular de Angola como membro da ONU. De acordo com revelações diplomáticas os Estados Unidos decidiu vetar a candidatura da RPA para o 145.º membro das Nações Unidas.

● Foram presas no passado dia doze 25 pessoas acusadas de serem militantes do movimento basco ETA. Dentre elas podemos salientar quatro membros de uma família basca: pai, mãe e duas filhas. A ETA desenvolve uma luta crescente pela criação de uma República Socialista Basca.

● Brendan Dowd de 29 anos e mais quatro pessoas foram condenadas à prisão perpétua na Inglaterra, acusados de pertencerem ao IRA (Exército Republicano Irlandês) e de terem desenvolvido acções armadas contra a dominação inglesa.

● Foram mortas, no último fim de semana, mais nove pessoas na Irlanda do Norte. Entre elas quatro polícias.

● O Partido Democrata Cristão Italiano recusou a formação de um Governo de coligação com o PCI após as eleições gerais de 20 de Junho próximo. A proposta foi apresentada pelo secretário geral do PC, Enrico Berlinguer. Estas eleições são as mais importantes em Itália, em 30 anos. O PCI poderá obter mais votos que a Democracia Cristã.

● O vice-presidente dos Estados Unidos, Nelson Rockefeller exortou a Alemanha Federal a reconstruir a sua força naval para fazer frente ao que considera ser a ameaça soviética contra a liberdade dos mares.

● A empresa norte-americana General Electric pediu autorização ao Governo para vender à África do Sul duas fábricas de energia atómica, incluindo 1,4 milhões de libras de urânio enriquecido. O valor total da venda atinge cerca de 2000 milhões de dólares.

● A Ditadura Militar Boliviana ordenou o regresso do major Gary Prado no sentido de salvaguardar a vida do adido militar em Espanha. Esta medida foi tomada logo após a execução do embaixador boliviano em França pelas Brigadas Che Guevara.

● No último fim de semana travaram-se violentos confrontamentos no Capital do Líbano entre forças direitistas e de esquerda. A guerra que dura a mais de 13 meses ocasionou pelo menos vinte mil vítimas.

● Edouard Sabb correspondente do jornal «Le Monde» e redactor chefe do diário libanês de língua francesa «L'Orient-Le Jour» foi morto a tiro quando circulava da zona cristã para a zona muçulmana da capital do Líbano.

## Executado um dos assassinos de «CHE» pelas Brigadas «Che» Guevara

As «Brigadas Che Guevara» reivindicaram, na passada semana, a execução do general Joaquim Zenteno Anaya, um dos assassinos do comandante Ernesto «Che» Guevara. Zenteno, participou no «cerco» contra as forças revolucionárias que impulsionavam a guerrilha em 1967 na Bolívia. Nesta ocasião, comandou as forças reaccionárias bolivianas que desenharam as operações contra o movimento revolucionário.

O general boliviano foi executado quando desempenhava funções de embaixador em França. E com este soma-se a três os elementos envolvidos na morte de Che Guevara a serem executados pelas forças revolucionárias desde 1969. O quarto elemento, morreu, em consequência de um desastre de helicóptero em 1969. Porém, ainda faltam outros que «esperam» pela justiça revolucionária.

# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

No movimento operário houve sempre aqueles que quiseram unir, em bases concretas e aqueles que dividiram; houve sempre os que puxaram para diante, houve sempre os que puxaram para trás; se dispunham a conciliar com a burguesia e os que se dispunham a cortar.

Mas, acontece que a maior parte dos trabalhadores desconhece isso e outros tem a memória curta. E, por esse motivo, julga-se muita vez que a divisão só existe aqui e que ela é o mal principal dos trabalhadores portugueses.

Mas, repetem-se aqui as histórias da História. São as contradições existentes no movimento operário. Contradições que tem que ser vencidas no sentido do avanço e não do recuo.

Neste momento, o grande divisionista foi o PC, que continua cumprindo o seu papel de travão da revolução. Apresentando Octávio Pato como candidato, o PC não vai roubar votos ao Eanes, não vai fazer a candidatura anti-Eanes, vai roubar votos a Otelo e fazer a candidatura anti-Otelo.

Sabendo que a candidatura Otelo pode originar um grande movimento de massas (e os movimentos de massas ninguém sabe onde é que param), os reformistas tinham de travar, para que as coisas não avançassem, para que os trabalhadores não ganhem terreno. Eles tem, sobretudo, que evitar a revolução. Preferem ir mantendo o país neste impasse; e, se for preciso, escolherão mesmo ser de novo as vítimas do fascismo, preferindo isso à revolução. Revolução na qual eles perderão o controle, e a qual não é desejável para a sua estratégia internacional.

Por isso vem este novo candidato; para tentar conter os seus militantes que, por todos os lados, aderiram a Otelo. Para contrabalançar o movimento de massas que espontaneamente se desencadeia. Para dar segurança à direita de que porão um travão a Otelo. Para contrariarem a Revolução.

Mas não se ficam por aí. Por todo o lado, os responsáveis desse partido insultam e caluniam, das formas mais baixas, aqueles que são revolucionários. A intriga, a calúnia, a mentira são as armas dos impotentes, dos oportunistas. Desgraçada recepção essa, que, além de traír os trabalhadores, tem de recorrer a estes métodos próprios de sistemas policiais. Mas estes velhos caluniadores, degenerescência do que foi um partido revolucionário, e que hoje vive da sua máquina e do seu dinheiro, serão varridos pela História, como outros o foram noutras revoluções. Hoje são apenas lembrados como traidores aqueles que, na Rússia ou na Alemanha, tiveram papel identico, combatendo os bolchevistas, por mais que no seu palmarés anterior contassem vítimas e verdadeiros revolucionários e lutadores.

Há, pois, que falar claro acerca do que é essa direcção reformista, ao mesmo tempo que se tem que abrir as portas à unidade com os seus militantes, cuja maioria quer a revolução. Esses homens e essas mulheres não são responsáveis por essa política oportunista e muitos não compreendem até ao fundo estas contradições. Há, pois, que fazer unidade mais do que nunca. Eles vem para dividir, os revolucionários tem que vir para unir. Unir, não em bases falsas, mas em bases concretas, na luta. Unir, não o proletariado com a burguesia, mas o proletariado entre si e com outras classes exploradas como os camponeses pobres. Unir, não as direcções dos partidos à volta duma mesa, mas os militantes dos vários partidos e os militantes sem partido.

Essa oportunidade de unir, surge com a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho. Esse homem, não é um homem dum partido, não representa um clube de futebol (como Pato para o PC ou Arlete para os Trotskistas), mas é o candidato da organização popular de base. É o homem do 25 de Abril, que Spínola prendeu a 28 de Setembro. É o homem que, como comandante do COPCON, ajudou a ocupar campos e casas e esteve ao lado dos trabalhado-

res nos conflitos de trabalho, é o homem que foi preso pela direita no 25 de Novembro. Por isso e pela popularidade que tem, esse homem pode unir os trabalhadores para a revolução. Esse homem pode criar um amplo movimento de massas, como foi o movimento que apoiou Delgado (e não esqueçamos que, também nessa altura, o PC inventou o seu Arlindo Vicente), esse homem é um perigo para a direita e um perigo para os conciliadores. Por isso o odeiam e caluniam.

E, tem tantas mais possibilidades de avançar, quanto a direita aparece dividida. Dividida entre Eanes e Pinheiro, que tem programas «iguais, iguais», como diz o segundo, mas com faces diferentes. E que faces!

Mas também há que estar vigilante para que a candidatura de Otelo não se transforme num movimento recuado, com objectivos de pouca monta. Os conciliadores não tem direito de apertar o

movimento de massas, de o tentar controlar. Quando as massas já se põem em termos anti-capitalistas, não podemos querer puxá-las para trás e metê-las apenas num vago anti-fascismo. Quando as massas querem a revolução socialista não podemos puxá-las para trás, à procura de consolidar ainda a revolução burguesa. A vanguarda tem de ser vanguarda e não rectaguarda.

E a vanguarda tem de o ser em todo o lado. Estar à frente da luta contra as reocupações pelos senhorios, tal como na terça-feira em Entrecampos, estar à frente da luta contra a reocupação das terras pelos latifundiários. Estar à frente das massas na luta pela tomada do poder. Estar à frente... coisa que repugna a todos os conciliadores e reformistas de vários matizes, coisa que caracteriza os revolucionários, e que serve de cavalo de batalha para todas as acusações e calúnias. É o que sucede sempre a todas as vanguardas.

## LISTA DE ORGÃOS DO PODER POPULAR QUE INTERVIEM NO PLENÁRIO

### NORTE

Fábrica de Têxteis de Braga — CACRO  
Paranhos (Porto) — CACO  
Fábrica de Produtos Estrela (Porto) — CACO  
Autosueco (Porto) — CACO  
Jotocar (Vila Nova de Gaia) — CACO  
Vima (S. Mamede de Infesta) — CACO  
Mecanomolde (S. Mamede de Infesta) — CACO  
Espinho — CACO  
Cedofeita (Porto) — CACO  
Afurada (Vila Nova de Gaia) — CACO  
Nevogilde (Porto) — CACO  
Estaleiros Navais de Viana do Castelo — em formação um CACO  
Liceu Alexandre Herculano (Porto) — CACO  
Citrôen (Porto) — CACO  
Maia — CACO  
Fábrica Oliveira e Ferreirinha (Matosinhos) — CACO  
Matosinhos — CACO  
Amarante — CACO  
Associação dos Ex-Militares desempregados (Porto) — (um membro não mandatário)  
Concelho de Nelas — CACO

### CENTRO

Coimbra — (Coordenadora de CACOs eleita em plenário)  
Bairro de Celas (Coimbra) — CACO  
Bairro do Cruzeiro (Coimbra) — CACO  
Bairro da Sé Nova (Coimbra) — CACO (em formação)  
Faculdade de Ciências e Tecnologia (Coimbra) — (apoia em plenário)  
Bairro da Sé Velha (Coimbra) — em formação um CACO  
Vouzela — CACO  
Evima (Marinha Grande) — em formação um CACO  
Penalva do Castelo — CACO  
Covilhã — CACO  
Rio de Moinhos — CACO  
S. João da Madeira — CACO  
Rabor (Ovar) — em formação um CACO  
Chapeleiros (S. João da Madeira) — em formação um CACO  
Vlseu — vários CACOs ao nível do distrito

### LISBOA

Publicações Alfa — (não mandatado)  
CRAMO da Freguesia do Coração de Jesus (Lisboa) — (ocupantes apoiam)  
Plessey — CACO  
Lages (Bairro de barracas na Amadora) — moção  
Associação de moradores de Paço de Arcos — moção  
Cova da Piedade — CACO  
Cooperativa Unidade do Povo (Quinta da Calçada) — moção  
Empresas Associadas da CUF (Barreiro) — CACO  
Comissão de Moradores do Casal Ventoso (Lisboa) — moção  
Comissão de Ocupantes de Nossa Senhora de Fátima (Lisboa) — moção  
Comissões de Moradores de Setúbal — moção  
Comissão de Moradores do St.º Condestável — (ainda não mandatada)  
Setenave — apoio em plenário  
Metropolitano — moção por plenário)  
Bairro das Palmeiras (Barreiro) — CACO  
Lisnave — apoio em plenário  
Bairro Angola — moção

### SUL

Sindicato da Panificação do Distrito de Évora — moção  
União das Cooperativas do Vimieiro — Alto Alentejo (12 cooperativas) — moção  
Firma A.C. (Beja) — moção  
Intercomissões de Moradores de Beja — moção  
Cooperativa de Metalúrgicos COOPALFE — moção  
Cooperativa de Estudadores Unidade Popular — moção  
Empresa de Construção Civil Luz e Alves — moção  
Socopol — moção  
União das Cooperativas de Albornoa — moção  
Cooperativa Alentejo Vermelho — moção  
Portimão — CACO  
Mexilhoeira Grande — CACO  
Grupo de Mulheres Antifascistas (Alcácer do Sal) — moção  
Ferragudo — CACO  
Estomba — CACO  
Amorosa (S. Bartolomeu de Messinas) — moção  
Estaleiros de Oihão — em formação um CACO  
Cerveja Imperial de Loulé — moção  
Quartel de Lagos — CACO